

Stadium

BENFICA-BELENENSES

Francisco Ferreira, abrindo caminho e tendo dois colegas à ilharga, ambos em posição de defesa, impede que a bola passe para a sua area de baliza



N.º 219

12 DE FEVEREIRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Acentua-se a vantagem do Sporting

O futebol organizado do Benfica derrotou um Belenenses sem ataque — Estoril afirma-se cada vez mais! — Académica desceu na Tabela — O Porto inclina-se em Elvas

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Já nos desabituaríamos um pouco do Campeonato Nacional! O desafio contra a Espanha, de enorme propaganda do jogo, veio cortar, necessariamente, o ritmo da regularidade. O hábito voltará de depressa, mesmo porque, de boa-vontade, todos faremos um esforço para engrossarmos de novo a corrente. Aqui estamos, na verdade, já integrados, chegando para o efeito a disputa da jornada número oito. O tempo não auxiliou, transformando os campos de terra batida em lamaçais. E vá lá ter-se domínio de bola e precisão na passagem em semelhantes rectângulos! De resto, os terrenos calvos tiram graça e arte ao futebol. Verificaram-se os seguintes resultados:

Benfica..... 3 — Belenenses.. 1
 Estoril..... 6 — Atlético..... 2
 Boavista..... 2 — Sporting.... 4
 Elvas..... 3 — Porto..... 1
 Vitória S..... 5 — Académica.. 1
 Vitória G..... 3 — Famalicão.. 1
 Olhanense .. 5 — Sanjoanense 0

Tendo-se disputado o desafio mais importante nas Salésias, nem por isso os outros deixaram de oferecer interesse. As deslocacões do Sporting e do Porto eram observadas com curiosidade. Pode afirmar-se que todos os encontros apresentam, agora, nesta altura do torneio, verdadeiro interesse, pois há sempre a expectativa dos menos categorizados darem o dó de peito.

A surpresa correu a cargo do Elvas, *team* esforçado. Mas anote-se o bom resultado do Estoril e dos setubalenses. Especialmente o Estoril parece destinado a desempenhar um papel de relevo na peça que está a decorrer. Aceitam-se, como notáveis, as vitórias de Guimarães, de Olhão e dos leões.

A classificação geral encontra-se estabelecida do seguinte modo: *Sporting* 14 pontos, 7 vitórias e 1 derrota, 42 bolas contra 17; *Estoril* 10, 5 vitórias e 3 derrotas, 36-15; *Porto* 10, 5 vitórias e 3 derrotas, 24-15; *Benfica*, 10, 5 vitórias e 3 derrotas, 28-19; *Vitória de Setúbal* 9, 4 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 15-10; *Vitória de Guimarães* 9, 4 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 16-16; *Académica* 9, 4 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 15-25; *Olhanense* 8, 4 vitórias e 4 derrotas, 18-25; *Belenenses* 7, 3 vitórias 1 empate e 4 derrotas, 14-12; *Boavista* 7, 3 vitórias 1 empate e 4 derrotas, 16-19; *Atlético* 7, 3 vitórias 1 empate e 4 derrotas, 15-22; *Elvas* 6, 3 vitórias e 5 derrotas, 24-22; *Famalicão* 5, 2 vitórias 1 empate e 5 derrotas, 19-32;

e *Sanjoanense* 1 ponto, 1 empate e 7 derrotas, 5 bolas contra 38.

Os postos da cabeça sofreram sensíveis alterações. O Sporting consolidou a sua posição, galgando terreno. Seguem-no, agora, três grupos, distanciados pela margem razoável de 4 pontos. A Académica, como consequência, desceu em vertigem, passando de 3.º para 7.º. Estoril e Benfica subiram. Belenenses baixou muito, ao ponto de se ver em nono lugar, que, apesar do seu abaixamento, não lhe quadra de jeito. Sanjoanense tem uma posição imutável.

Neste momento, a situação do Sporting é invejável. Mas na sua frente abrem-se ainda muitos precipícios, e a batalha não se encontra, ainda, nem liquidada nem ganha.

Constituem a jornada do próximo domingo os seguintes encontros: Elvas-Vitória de Setúbal, Académica - Boavista, Sporting-Benfica, Belenenses-Estoril, Atlético - Vitória de Guimarães, Famalicão - Olhanense, e Porto-Sanjoanense. Há indiscutivelmente matéria para quebra-cabeças...

No Campo Grande venceu o melhor...

No Campo Grande, tendo como árbitro Borques Leal, de Lisboa, os grupos apresentaram os seguintes alinhamentos:

Benfica — Martins, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsenio, Júlio, Baptista e Rogério.
Belenenses — Sérgio II, Vasco,

Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Conceição, Teixeira, José Pedro e Rafael.

A imagem do encontro reproduz-se no colorido de que o Benfica jogou, de um modo geral, ao ataque, o que dá a contra-partida do Belenenses ter praticado, em quase toda a partida, futebol defensivo.

E certo que o Benfica conseguiu marcar três bolas e sofrer apenas uma, mas, apesar disso, pode dizer-se que *ataque vermelho e defesa azul* foram dignos um do outro. Simplesmente, não há milagres, em jogo...

Apoiada eficazmente pela formação medular, a primeira linha benfiquense desenvolveu os seus ataques com rapidez, ligação e boa adaptação às condições do terreno. Na sua maneira viva, os interiores souberam ligar com o centro-avancado e lançar os extremos na boa hora.

Era, na verdade, o que havia a fazer! Estes corresponderam aos intentos dos companheiros e desenvolveram os lances com relativa facilidade, iludindo a marcação, ou por *driblings*, ou por efeitos de hábil desmarcação. Assim, toda a equipa benfiquense surgiu unida, com princípio, meio e fim. Quando a *dianteira* ataca, dá à defesa tempo de sobra para *julgar os problemas* e colocar-se no melhor terreno, para insistir, sempre e sempre, na ofensiva.

Nem a circunstância de muitos golpes morrerem aos pés dos homens da destruição benfiquense deixa de patentear um Benfica organizado. Na luta entre ataque e defesa, quando ambos são de boa nota, ganha uma vez um, ou-

tra vez outro, e isso é próprio do jogo. Devemos afirmar que o *bloco defensivo dos azuis* lutou com energia e entendimento, não se deixando desorientar e permitindo apenas a passagem livre — quando foi suplantado.

Feliciano readquiriu aos poucos a confiança, e Amaro está a jogar na sua linha máxima. Os outros reforçaram estes dois esplêndidos valores, verdadeiras bases em que assenta o grupo. O médio-direito deu, muitas vezes, em campo, a *palavra de ordem* ao quinteto da frente, mas este mostrou-se de uma incapacidade confrangedora... Custa, mesmo, ver um *team* da importância do Belenenses jogar tão mal no capítulo do ataque. Foi, portanto, fácil aos *backs* benfiquenses intervir com êxito na teia dos triângulos, e conseguir brilhar.

Deve também pôr-se em relevo a acção da *medular* benfiquense, de excelente marca ofensiva. Moreira e Xico são homens capazes de vergarem o ferro e abalar troncos de árvores.

Estoril, «team» que sobel

Sem dúvida, o Estoril não precisa já de por-se em bicos de pés para ser notado! Não se trata de um ou de outro resultado bom, mas de uma colecção de números, e, superior a isso, de bom jogo, afirmando definitivamente uma equipa, e consagrando-a. Uma série de exibições de nível revela capacidade e saber técnico e prático.

No seu campo, domingo passado, o grupo desenvolveu trabalho magnífico de que o *score* de 5-0 representa uma expressão fiel. O Atlético lutou, mas foi dominado, porque o seu inimigo utilizou, com precisão e rapidez, o jogo rasteiro, domínio de bola, arte de passagem, boa desmarcação e um remate forte e oportuno logo que surgiu a brecha para a bola passar... Além de tudo, os vencedores fizeram os seus esquemas com facilidade, que é a marca das coisas bem feitas.

O segundo tempo tomou uma cor diferente, e menos agradável no tocante à exibição. Os atléticos pretenderam mudar o rumo do jogo, mais pela energia do que pelo encadeamento de golpes. Conseguindo, deste modo, invadir o terreno do adversário, mas não dominar no ângulo técnico. A prova está em que a defesa do Estoril não deixou a posição vertical, e, trabalhando com denodo, conseguiu sustentar o ímpeto do inimigo.

Estoril — Sebastião, Pereira, Elói, Nunes, Oliveira, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Lima.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Rosário, J. Lopes, Morais, Franco, Armando, Gregório, Rogério e Marques.

Árbitro — Luis de Magalhães, de Lisboa.

Superioridade dos leões...

Os leões eram, na verdade, os favoritos. Mas as saídas são sempre difíceis... Todavia, o Sporting venceu com relativa facilidade, isto é, sem sobressaltos ou ataques cardíacos.

Na fórmula de conjunto, a equipa



CHAPELARIA E CAMISARIA

Avenida Almirante Reis, 10-C.
 Telefone 4 3482 — LISBOA

lisboeta revelou a sua capacidade: chegou aos 3-0, e aceitando depois a transformação para 4-2. O ataque desenhava esquemas primorosos e rápidos: Jesus Correia, que ocupou o posto de F. Peyroto, insuflou-lhe vida, e um dos seus goals, à entrada da área, diz eloquentemente do seu poder de realização prática. Vasques jogou muito bem, e Travassos só para o fim deu ideia do que vale. Armando Ferreira teve uma exibição desastrosa...

Toda a defesa se comportou bem, com papel de relevo para Canário. No Boavista, todos lutaram com a melhor das vontades. O bloco defensivo foi quebrado, por vezes, mas não lhe faltou energia. Caiado, na frente, moveu-se, lutou, e agiu com acerto e velocidade, justificando a sua qualificação de unidade à parte.

Boavista — Mota, Fernando, Silva, Raimundo, Serafim, Ramos, Zeza, Armando, Caiado II, Caiado I, e Barros.

Sporting — Reis, Cardoso, Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Arnanço Ferreira, Vasques, Jesus Correia, Travassos e Albano.

Árbitro — José Teixeira, de Braga.

Triunfo bem conquistado!

Em Elvas, o clube local alcançou um magnífico triunfo: a equipa do Porto succumbiu e teve de inclinar-se. Os números exprimem a verdade do jogo?

Tudo indica que sim, mas os portuenses tiveram possibilidades de arrancar os pontos da tabela. Vejamos como as coisas se passaram.

O Elvas actuou como gente grande no primeiro tempo: ligação geralmente acertada com destaque para o entendimento entre médios de ataque e dianteiro, des-

Almanaque dos Desportos

300 páginas ilustradas a publicar pela Páscua

Continuam a receber-se inscrições ao preço de 22\$50

marcações de boa escola, e remate digno dos lances de progressão no terreno. Os 2-1 do intervalo são números exactos.

Deverá ter-se em conta, no entanto, que o Porto não esteve inactivo ou simplesmente em jogo defensivo. Pelo contrário, os extremos foram bem servidos, e, mais tarde, no período grande dos portuenses, eles deviam ser os condutores do jogo, em orientação lúcida.

Na fase dos vinte minutos iniciais do segundo tempo, os portuenses mostraram a sua categoria. Foram um verdadeiro grupo em acção, sabendo como se joga. Capaz de aplicar um sistema, ou golpes estudados. Se, mais expeditos no remate, conseguissem empatar, teriam ao mesmo tempo encontrado a rota do triunfo. Não o tendo conseguido, os elvenses tiveram forças para a reacção e voltaram ao comando, ganhando merecidamente.

Elvas — Semedo, Rana, Neves,

Rebello, Toninho, Oliveira, Aleixo, Massano, Patalino, Virgílio e Rosário.

Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Gomes da Costa e Catolino.

Árbitro — Domingos Godinho, de Lisboa.

Nos Arcos, o terreno influiu...

Várias causas influem num desafio da bola! Uma das principais é o estado do terreno. Ele foi, no domingo passado, talvez, o maior adversário da Académica. Os estudantes não suportaram o esforço violento exigido pelas condições do terreno e pela luta de perto. De certa altura em diante alguns dos seus elementos cederam nitidamente, não dando o rendimento normal. Não se renderam, é certo, continuando a batalhar, mas já handicapados.

O grupo setubalense, mais forte e habituado aos combates áridos do corpo-a-corpo, aguentou-se melhor no campo, mas nem só por isso venceu... Em quaisquer condições, com a organização revelada, de compartimento para unidade, teria ganho. Triangulações e desmarcações certas, rapidez de movimentos e lances de concepção — eis como ganharam os setubalenses. Se alguma acção há a fazer-lhes, é de falta de remate.

A Académica baixou de tom. Mário Reis foi o pilar da defesa, bem acompanhado por Szabo. No ataque, como em geral vem sucedendo, a grande figura chamou-se Bentes, de fugas-relâmpago, mal acompanhadas pelos outros dianteiros.

Vitória — Baptista, Pereira, Montês, Pina, Soeiro, Figueiredo, Campos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Passos.

Académica — Szabo, Nicolau, Mário Reis, Eduardo Santos, Lomba, Brás, Melo, Azevedo, Jorge Santos, Leite e Bentes.

Árbitro — Oliveira Machado, de Lisboa.

A Sanjoanense em Olhão

A Sanjoanense alinhou da seguinte maneira: Barbosa, Joaquim, Quintão, Santa Clara, Carvalho, Leite, Pardal, Rocha, Gonçalves, Azevedo e Arlindo.

Olhanense, Abraão, Rodrigues, Grazina, Cortês, Ricardo, Loulé, Moreira, Paulo, Cabrita, Salvador e Gomes.

Árbitro — Mário Ribeiro Sanchez, de Lisboa.

Os algavios não tiveram dificuldades na obtenção do triunfo, construindo o seu jogo à base do lance rasteiro, e servindo-se do *dribling* para melhor colocar a bola. Toda a equipa movimentou-se com precisão. Cada elemento no seu lugar. Deste modo, os de Olhão mostraram disciplina de conjunto.

Do *team sanjoanense* deve afirmar-se que foi um bom vencido, lutando com ânimo e desenvolvendo jogadas de razoável entendimento, que mereciam, ao menos, o ponto de honra.

BASQUETEBOL

O Benfica triunfou sem derrotas

Há muito tempo que não se notava tanta superioridade numa equipa vencedora de um campeonato regional desta modalidade. O S. L. e Benfica, que logo nas primeiras jornadas do torneio se afirmaram a melhor, chegou ao fim sem uma única derrota e ainda por cima com uma superioridade impressionante: 615 lentos mercados, 437 sofridos e 42 pontos a seu favor.

Beneficiou ainda o Benfica das oscilações verificadas na classificação dos seus adversários. O Atlético deu no princípio a impressão de que seria rival curioso, ao contrário do Belenenses, mas a este veio a pertencer na última jornada o segundo posto, graças à derrota aplicada aos alcantarenses pelos cufistas.

Els, portanto, a classificação:

Benfica — 42 pontos, 14 jogos e outros vitórias; Belenenses — 31 pontos, 8 vitórias, 1 empate e 5 derrotas; Atlético — 31 pontos, 8 vitórias,

1 empate e 5 derrotas; Usgás — 26 pontos, 5 vitórias, 2 empates e 7 derrotas; C. U. F. — 26 pontos, 5 vitórias, 2 empates e 7 derrotas; Carnide Clube — 25 pontos, 5 vitórias, 1 empate e 8 derrotas; Algés e Dafundo — 24 pontos, 4 vitórias, 2 empates e 8 derrotas; Sporting — 19 pontos, 2 vitórias, 1 empate e 11 derrotas.

O Sporting C. P., último classificado, abandonará irremediavelmente a Divisão, para cumprir os regulamentos da prova. Os representantes do clube leonino, que na última época promettiam impor-se na divisão em que ingressaram, nem sempre foram felizes, e daí a sua má classificação.

Sobre o resultado da prova, ou melhor, sobre a vitória do Benfica, deverá dizer-se apenas que o título essenta bem no vencedor. Ganhar com 11 pontos de vantagem revela superioridade indiscutível. E o comportamento dos encarnados lisboetas no próximo campeonato nacional dirá o resto...

PEDESTRIANISMO

Uma prova para treino

Depois de haverem dado um ar da sua graça organizando duas provas de corta-mato, os dirigentes da Associação regional entraram em

sono hibernar, dispostos a projectar uma vez mais — contra toda a lógica e o mais elementar bom senso — a temporada de inverno para cima do início da época de pista.

Os dois principais clubes de Lisboa dispuseram-se a reagir e promoveram no domingo uma corrida em circuito no Campo 28 de maio, que veio a afirmar aos interessados que o atletismo lisboeta ainda existe, apesar da incéria dos seus dirigentes.

A iniciativa do Benfica e do Sporting encontra sérias dificuldades para chegar à realidade, pois o Conselho «In-Técnico» da A. A. L. deca parecer desfavorável a uma primeira tentativa, alegando que se não deviam correr provas em estrada antes de concluído o programa de competições de corta-mato! Onde descobriram Suss Excelências as bases para firmar tão peregrina doutrina?

No entanto, modificado o plano primitivo, o empreendimento vingou, e felizmente; a Federação, cuja interferência no assunto não se explica — tecnicamente bastaria o acordo associativo e legalmente é indispensável a aprovação do regulamento pela Direcção Geral — obriga ainda as organizações a alterar certas disposições regulamentares para as pôr no molde das provas olímpicas, coisa que se nos alligara sem sentido, pois em provas particulares, embora oficializadas, são de admitir disposições especiais. Poderíamos citar muitos exemplos que os federativos sancionaram (estaletas fora dos moldes reconhecidos no Regulamento Técnico, até com recordes homologados; concursos com a classificação por adição das tentativas, etc.).

(Continua na página 18)

Capela e as suas razões

Ele Manuel Capela, uma figura já popular no futebol português. Boas qualidades para o lugar que preferiu no jogo da bola. É um jogador que se vê — 1 metro e 83 de altura, 86 quilos de peso. Pertenceu-lhe partilhar da grande vitória do futebol nacional — um caso, uma alegria que fica a esmaltar garridamente a sua vida desportiva. Nunca pensou que isso lhe pudesse suceder, nem mesmo quando há duas épocas passou a ocupar o posto de guardião das balizas belenenses.

Está em foco o Capela, pelo posto a que ascendeu e... depois pelos dez golos sofridos no recente jogo com o S. Lourenço de Almagro.

Dos onze que alinharam contra os argentinos preferimos Capela para nos dizer o que viu e sentiu nesse jogo.

Ainda se recusou, não se considerando o mais indicado para nos dar essas opiniões, mas acedeu por fim — que Manuel Capela, com a sua e amabilidade é rapaz para animar uma conversa.

— O jogo — confiança nos o *keeper* belenense — é dos que não de perdurar na minha memória, pelo que vi fazer aqueles vinte e dois pés argentinos. Que habilidade!

— Que opinião colheu do que viu?

— Os almagros demonstraram-nos um padrão de jogo muito diferente do futebol continental. Depois de os ver no relvado do Jamar considere que há várias espécies de futebol, cada um com a sua marca, por exemplo, o ibérico jogado à base da força, o inglês com o preciosismo que o *team* da R. A. F. nos mostrou mas que em parte e por vezes se assemelha ao futebol sul-americano, mas este com mais subtilidade. Enquanto nos jogadores ingleses predominam os passos largos, os almagros exibem-se em passecurto executando-os a tira linhas.

— Do seu lugar observou então?...

— Sempre que me deixaram sossegar um pouco — atalho o *keeper* nacional sorridente

prende-me especialmente a atenção a facilidade com que eles se desembaraçaram de uma defesa, inutilizando o sistema de marcação como o nosso. As suas jogadas chegaram a prender-me a atenção de tal maneira que muitas vezes me sentia obcecado pela simplicidade de execução e ao mesmo tempo surpreendido pela forma como eles me apareciam na minha frente, dando-me a impressão de que aquilo era um sonho, porque realmente a sua classe é tão extraordinária que me

parecia uma coisa irreal. Antes de os ver jogar não pensava muito na sua «maneira» de jogar.

Mas, ninguém pense que eu com estas considerações procuro salvar a minha acção perante o grupo argentino.

Tive um desejo, o de que o público pudesse estar mais próximo de mim para que observasse de uma maneira mais convincente a forma desconcertante como os jogadores argentinos conseguiram quase sempre o seu objectivo. Não rematam à baliza. Passam sim a bola à baliza.

Houve bolas que passaram bem perto de mim dando a impressão que eram de fácil defesa mas que eram difficilimas porque o seu poder de colocação tirava-nos todas as possibilidades. No entanto esta maneira de atirar à baliza talvez tivesse um grande obstáculo: se praticássemos um sistema defensivo capaz de evitar naquele dia o seu acerto.

No decorrer desta conversa com Capela explicava-nos a curiosidade de sabermos a sua opinião acerca dos dez tentos sofridos. E lançamos-lhe a pergunta sem rodeios.

— Porque lhe enfiaram as dez bolas?

— A grande facilidade de desmarcação dos jogadores argentinos aliada a um domínio de bola surpreendente facilitou-lhes essa tarefa. Quantas vezes me apareceram isolador. Atiravam-me um pontapé sêco mas esplendidamente colocado. Dez golos sem dúvida alguma os mais ingratos de defesa para qualquer guarda-redes.

— Qualquer *keeper* sofreria as dez bolas?

— Sabe se lá! Se isso é tão contingente que até o factor psicológico tem grande influência...

Capela percebe a nossa dúvida — a psicologia de que nos falou, e expõe:

— É porque há jogadores que resistem melhor ou pior ao avolumar de um *score*.

— Qual a defesa mais difícil nesse jogo?

— Entre as dez bolas que sofri há uma jogada que jamais me esquecerá. Hel-de sempre recordar-me desse tento.

No decorrer de uma jogada, a caminho do meu terreno, houve um centro da esquerda. Em frente da minha baliza um jogador argentino, que mais parecia trazer nos pés um iman do que umas botas de futebol, parou de maneira surpreendente esse chute fortíssimo e completamente no ar fez menção de rematar com o pé direito. Quando eu me fazia ao lance o seu pé esquerdo apareceu providencialmente a colocar a bola no melhor sítio. Jogada inesquecível!

— Fale-nos da sua depressão moral ao contar as dez bolas sofridas.

— Nada, absolutamente. Não me sinto diminuído de não me ter podido opôr à sua técnica tão apurada. Guardarei sempre com agradável recordação essa exibição magistral do famoso grupo.

E Capela termina as suas considerações:

— No entanto resta-me esta grande consolação. O futebol português, dentro do seu padrão de jogo, continuará a honrar bem a tradição e o simbolismo das quinças que gloriosamente acompanham sempre o grupo nacional.

Manuel Capela, como já se disse, é um rapaz que sabe conversar com o jornalista, embora fuja o mais possível a discutir sobre coisas de índole pessoal. O resultado expressivo do jogo B. S. B. — S. Lourenço de Almagro não apareceu por qualquer influência do seu trabalho, e nem é justo supôr, apreciando serenamente, que não tivessem os liboetas um bom guarda-rede a defender as suas cores.

Contra a Espanha, a quem valorosamente ganhámos, como dentro das balizas belenenses, Manuel Capela deu provas capazes — e por isso conflaremos sempre no valor firme que nos tem revelado. Todos os jogadores, e especialmente os encarregados de evitar que a bola atravessasse a linha fatal, sofrem contrariedades sem conta. Frente aos sul-americanos, como os demais, sentiu os efeitos da magia adversária, e não poderá agora atirar-se com as culpas para o homem que sofreu os efeitos do acerto contrário...

FERNANDO SÁ



A vitória da selecção portuguesa sobre a espanhola, alcançada no dia 26 de Janeiro, deve ter consequências transcendentais no futebol espanhol. Toda a crítica assinala as deficiências havidas na equipa nacional, que, sem tática definida, intentou somente opor-se com êxito ao compenetrado conjunto português.

Este 4-1 de agora causará em Espanha — estamos certos de isso! — efeitos análogos aos que produziu aquele memorável 9-0 de Chamartin, quando a equipa espanhola, em vésperas do Campeonato do Mundo, se impôs a uma selecção lusitana que calcurreou a erva do desaparecido terreno madrilenno sem balsa nem concerto algum.

Também em Portugal se levantaram vozes que pediram a mudança radical e profunda nos sistemas de jogo e de selecção. Também houve quem, desafiando a corrente dos que não transigem com novos métodos, pedisse em altos gritos que o futebol português se encaminhasse por rotas que pudessem levá-lo a ocupar por direito próprio um posto saliente no mundo desportivo. Recordamos as campanhas de Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis entre outros — já nessa altura também Tavares da Silva tocou a rebate! — e lembramo-nos igualmente dos seus resultados. Formou-se uma opinião partidária das alterações, e, pouco a pouco, a energia e a perseverança dos paladinos dos novos processos impôs-se a tudo e a todos.

E vieram os campeonatos nacionais no sistema da Liga e os campos de relva. Ainda a adopção de táticas de acordo com o futebol moderno... Chegou, por fim, o que havia de dar ao futebol português a categoria que hoje tem e que quedou manifestada amplamente ante equipas tão potentes como as da Irlanda, Suíça e Espanha, e as selecções da R. A. F. e de Paris.

Tavares da Silva foi o encarregado de condazir a bom termo esta série de modificações. Foi ele quem soube dirigir com mão firme a Selecção Nacional pela senda do êxito, e foi ele quem recebeu o prémio que todos os desportistas portugueses deviam e queriam outorgar ao piloto que levou a bom porto o navio a ele confiado.

Espanha terá de seguir o caminho que Portugal assinalou e já percorreu. Não quanto à ampliação nem à criação de torneios e

O futebol espanhol no mesmo transe que Portugal passou, em 1934

MADRID, especial para «Stadium», de RAMON MELCON

campeonatos, nem à utilização de campos de relva, pois tudo isso o nosso país já dispõe há largos anos. Mas no que se refere a prestar mais cuidados à preparação da equipa nacional, que deverá entrar no rectângulo disposta a seguir uma tática adequada para cada encontro, e no que se refere a organizar quantos treinos e desafios preparatórios sejam precisos para conseguir que o conjunto seja tão homogêneo e eficaz como se se tratasse de uma equipa de clube.

Falta um mês para a disputa do encontro com a Irlanda em Dublin. Tudo quanto haja que fazer, deverá começar imediatamente, pois não deve repetir-se o caso de Lisboa. A vitória ou a derrota não têm, em desporto, outro significado que não seja meramente episódico. Mas quando se perde por não haver sabido ou querido pôr todos os meios necessários para vencer, o facto é mais doloroso e sensível. E, no fim e ao cabo, o prestígio do futebol espanhol não pode decair-se por negligência ou improvisação.

Porque em Espanha — repetimos hoje o que dissemos antes do Estádio Nacional — há jogadores de classe, e de excelente classe. E homens capazes de ligar os seus esforços e de alcançar uma equipa nacional à verdadeira altura. Somente falta pôr um pouco de lado essa condição tão nossa de não querer aceitar normas novas, que, por o serem, nos repugnam. Tão pouco em Portugal, país tão apegado à tradição como o nosso, não se aceitaram com muito gosto: mas as condições obrigaram a tomar a decisão. E os resultados saltam à vista: — a grande vitória para todos inolvidável de 26 de Janeiro e a prova de que Portugal tem uma grande

equipa de futebol. Entenda-se bem, equipa; não um grupo de bons jogadores que se movem mais ou menos acertadamente graças apenas ao seu génio e ao seu estilo individual.

—se em Dublin em onze de bom conjunto. Se assim acontecer, confiámos em que aquilo que a Espanha não pôde conquistar no Metropolitano o possa alcançar em Dublin, onde já, no seu único encontro internacional ali disputado, vencemos por um rotundo 5-0, uma semana justa depois de sofrermos a maior derrota que tem no seu historial o futebol espanhol: os 7-1 contra a Inglaterra.

E que, em Espanha, acredite-se ou não, joga-se o futebol, e bem. E a mesma equipa que am dia não soube evitar um forte resultado adverso, é capaz de reagir, elevando a sua moral ao ponto de converter-se em triunfadora nas condições propícias para o adversário. Esperamos que os nossos jogadores saibam comportar-se como o exige o bom nome desportivo de Espanha. Já vemos se os que têm a obrigação de formar a nossa melhor selecção e pô-la em condições de fazer um papel decoroso, tomam todas as medidas necessárias para que não se repita o desastre do Estádio do Vale do Jamor.

Portugal tem outro adversário de força em perspectiva. França aguarda a visita dos lusitanos. Estes irão para a luta com moral forte e com o desejo ardente de continuar com o facho de bons resultados. Oxalá que numa próxima deslocação não se quebre a linha vitoriosa. Depois de Espanha é Portugal a nação que melhor conhecemos e amamos. Os seus êxitos chegam pois, até nós, como se nossos fossem. E seria magnífico que espanhóis e portugueses conseguissem, nestas suas próximas saídas, os triunfos que fizemos ver ao mando inteiro a classe e a destacada categoria do futebol de ambos os países ibéricos. — R. M.

N. da R. — Já depois de composto este artigo do nosso querido amigo Melcon, chegamos a estranha notícia de que o Seleccionador espanhol, Pablo Hernandez Coronado, reuniu todos os treinadores para lhes impor uma tática única, decidida a que nunca se chegou em Portugal e que nos parece contrária aos princípios do próprio jogo. A estratégia está na base do futebol.

Sabemos também que a Federação Espanhola, caso a Irlanda consinta, não se deslocará àquele país em começos de Março próximo, para não expor o futebol espanhol a novo desastre. Ganhar ou perder não será da essência do Desporto?

A vitória sobre a Espanha

Temos recebido na «Stadium», de personalidades em evidência no meio ou de simples anónimos, e de todos os pontos do país, várias afirmações de apreço e carinho pelo resultado conseguido contra a Espanha, a primeira vitória portuguesa.

Também o nosso chefe da Redacção, Tavares da Silva, recebeu muitos telegramas e cartas de felicitações, a que não tem, em boa verdade, possibilidade de responder, até por desconhecer algumas direcções.

Nestas circunstâncias, é-nos grato vincar a maneira como todo o país recebeu o grande triunfo sobre a Espanha, e agradecer, ao mesmo tempo, a maneira como a nossa Revista é distinguida. Diga-se o que se disser, repetimos a afirmação de que já não é possível arrancar da história do futebol português a brilhante página de 26 de Janeiro.



A alegria do goal! Portugal marcou uma bola, o guarda-redes está no chão batido, Querejeta mostra a sua tristeza, e Rogério espalha a mais viva alegria. Era a primeira vez que Portugal vencera a Espanha!

O CAMPEONATO DE REMO DA EUROPA

na Pista internacional de Aveiro, em 1949

A 1.ª Conferência Nacional do Remo, há pouco efectuada, marcou, como uma iniciativa de grande interesse e de resultados certos para esta modalidade desportiva.

O programa de trabalhos que os dirigentes do remo português procuram pôr em prática é valioso.

Mas, e muito principalmente, as atenções fixam-se de momento numa necessidade imperiosa — um local perfeito para a prática do remo.

— Se queremos ter a esplanada, tão ambicionada por todas as nações, de organizar um Campeonato da Europa ou, até mesmo, um Campeonato Olímpico, devemos, como é compreensível, ou possuir um local que satisfaça em absoluto a todas — e muitas delas são — as permanentes e complexas exigências dos técnicos especializados — disse-o na conferência o presidente da Federação de Remo.

O assunto não tem sido descurado. A realização dos campeonatos nacionais na Albufeira do Ermal agitaram a questão. Estava ali uma pista de remo, com as suas águas paradas e abrigadas, constituindo uma pista magnífica. Mas o empreendimento falhou.

No entanto, outros entusiasmos apareceram, batendo-se com coragem pela conquista desse benefício para as suas cidades. Viana do Castelo, Aveiro, Figueira da Foz, Caldas de Rainha, apontando a sua famosa lagoa de Óbidos.

Mas a realização de um grande torneio de remo Internacional não exige apenas a normal pista para as regatas. Outros importantes problemas lhe estão intimamente ligados, como seja o caso dos alojamentos e transportes. Pense-se que, num campeonato de remo da Europa, cada um dos mil atletas que nele comparecem se faz acompanhar, em média, de cinco pessoas.

Todos os locais apresentados mereceram os devidos estudos e foi Aveiro quem mais se interessou pelo assunto, não só quando apontou o seu canal de S. Roque, como depois com a Retelha de Fermentelos.

E Lisboa, a capital do Império?

Foram minuciosas as Investigações. Apreendeu-se toda a faixa dos Estóris e o rio Tamor, pensando-se na probabilidade de preencher uma das lacunas verificadas no nosso monumental Estádio. Ao fim e ao cabo chegou-se a duas soluções.

A primeira resumia-se na ligação do rosário de docas de Alcântara, de S.º Amaro e de Belém. A segunda, obra de vulto, implica a conquista duma área compreendida entre Algés e a Cruz Quebrada, ao sul da linha férrea, precisamente em local onde importantes trabalhos de higienização estão projectados e de algumas obras de engenharia, consideradas inadmissíveis, estão adjudicadas.

A perspectiva era risonha e resolveria, simultaneamente e por completo, o debatido problema da almejada doca de recreio para recolha de frâgels e delicadas embarcações de desporto, pois permitiria, numa das suas margens, a colocação dos postos de instrução e armazenagem dos Centros da Mocidade Portuguesa e de todas as agremiações desportivas da capital especialmente consagradas às actividades náuticas.

Mas... a soma a dispendir é, evidentemente, elevada e mesmo, em superficial estimativa, reconhecida como incompatível no período de tempo exigido pela urgência da solução.

Logo as ideias, apregoadas com dedicação e entusiasmo a esta iniciativa, se voltaram para as importantíssimas obras hidráulicas que estão em curso, sobretudo as localizadas no centro do país, como as das margens do rio Liz e as das barragens de Castelo do Bode e de Constância, no troço inferior do Zézere. Todos estes trabalhos, embora caminhem em ritmo de apreciável desenvolvimento, demorarão algum tempo. Na melhor das hipóteses, os mais adelantados concluir-se-ão em 1950.

Prevendo todos estes casos, estudando todas as hipóteses, chega-se a uma solução, imposta pela brevidade a que as circunstâncias obrigam — os Campeonatos de Remo da Europa.

Essa solução foi imposta pelo senhor comandante Soares de Oliveira:

— Situada a meio da faixa do litoral por onde se espalham os nossos clubes de remadores, a cidade de Aveiro, de vincadas tradições desportivas, servida por magnífica rede de estradas e por dois caminhos de ferro, dispondo de um aeroporto a curta distância e em vésperas de possuir um importante porto marítimo, conta com apreciáveis facilidades de acomodação nos grandes hotéis da Curia, do Luso e do Buçaco e, por feliz inspiração do senhor engenheiro-director das obras de sua Rio, sugere um novo e magnífico projecto: Em continuação do canal central da cidade, que passe entre o Hotel Arcada e a sede do Clube dos Galitos, existe, para sudoeste, um outro canal que a estrada da Barra atravessa e termina no Largo do Paraíso. A pista idealizada, podendo orientar-se entre nordeste-sudoeste e leste-oeste, em directriz quase normal à dos ventos pre-



A tripulação dos Galitos que tem afirmado grande capacidade, e de cuja acção muito há a esperar nos campeonatos europeus

dominantes, terá um terço da sua extensão no próprio lago, cortará nos extremos algumas marlinhas, podendo terminar junto à cidade.

«Dá fácil acesso às embarcações e torna possível a construção de uma estrada para circulação de viaturas e duma plataforma para via férrea em toda a sua extensão, ao mesmo tempo que dispõe de espaço para uma cortina de arvoredo a constituir barreira aos ventos de norte e de noroeste, mais frequentes na região.

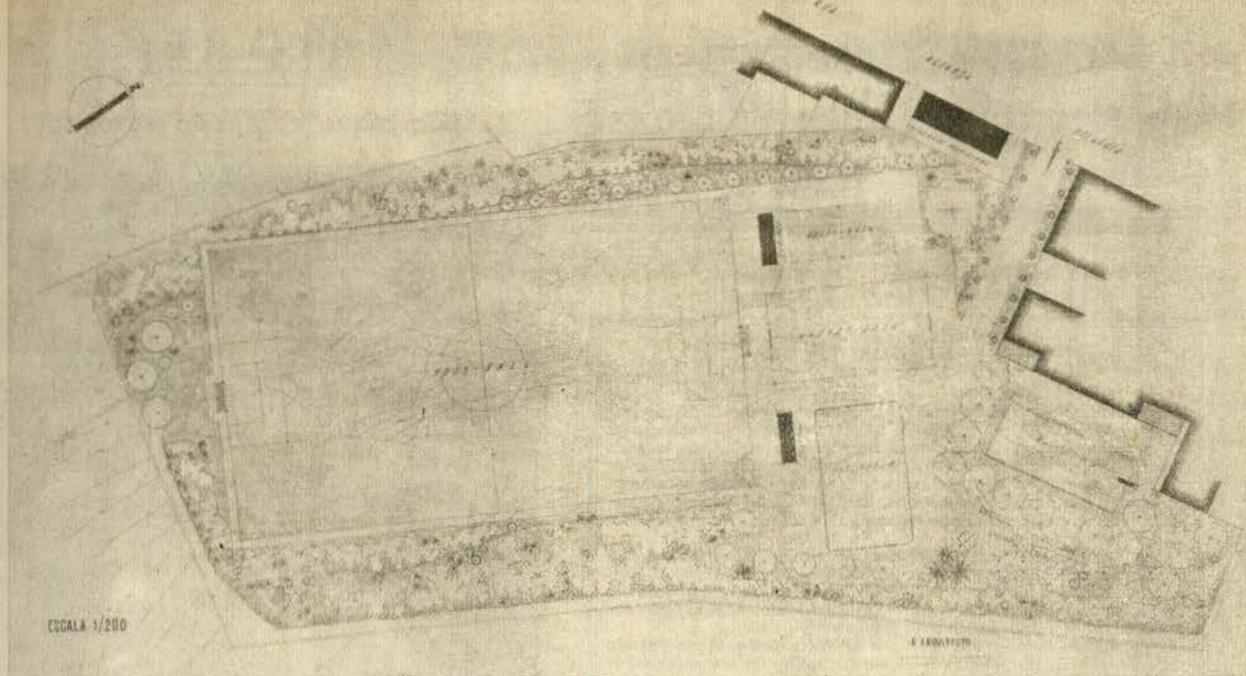
«Portanto, destas considerações se conclui — diz-nos o presidente da Federação Portuguesa de Remo — que é necessário obter em Portugal uma Pista Internacional de Remo em prazo relativamente curto e em condições de satisfazer plenamente todos os requisitos clássicos, para que possamos preparar capazmente as nossas tripulações para as grandes provas de modalidade e para que possamos exercer o cobizado direito, que nos está assegurado, de promover, em 1949, o Campeonato de Remo da Europa.

«Atendendo ao conjunto de problemas que surgem em torno de um acontecimento desportivo de tão destacada envergadura, a 1.ª Conferência Nacional de Remo, manifestando embora o desejo de que não seja abandonada a ideia da construção de um Parque de Desportos Náuticos, integrado no sumptuoso conjunto do Estádio Nacional do Jamor, deliberou solicitar respeitosamente aos poderes constituídos a aprovação do plano de obras da Pista de Aveiro e a concessão urgente dos necessários subsídios para que esteja concluída dentro de dois anos.

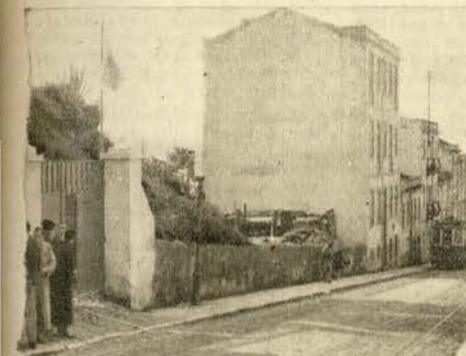
«Aveiro, ciosa da excelência dos seus remadores e dos encantos da sua rio, vê-se favorecida com um projecto que tanto lhe há-de agradar e cuja realização valorizará com a continuidade de prestígio e do seu entusiástico interesse pelo desporto do remo.

Fernando Sá

Stadium



Neste espaço e outro que a fotografia não abrange, será o Boa Hora o seu futuro campo de futebol.



No Rua Alvança Operária existe este portão. E para lá do portão — erguer-se-á um excelente campo de jogos. A faixa de terreno de frente também será utilizada.

PODEÁ parecer conetimento arrojado, poderá até mesmo à primeira vista julgar-se impossível — levar a bom termo tão bela iniciativa, mas o certo é que nos terrenos que se abrem entre a fileira de prédios de um dos lados da rua Alvança Operária vai surgir um Parque Desportivo. Já lá existe um campo de basquetebol — obra de dedicação e entusiasmo dos sócios e dirigentes do Boa Hora Sport Club, que ali desbravaram terreno inculto. Fizem o seu campo de basquetebol, construíram modestas mas asseadas cabines e entraram para o desporto animados e entusiásticos. De princípio também jogavam futebol mas a modalidade comportava grandes encargos. No entanto, no basquetebol, ocupando a 2.ª divisão, o Boa Hora tem mantido permanência muito boa. Mas, olhando aqueles vastos terrenos — a quinta das Pedras Negras — onde há montes de terra e de pedras por entre os quais aparecem viçosas hortas, os dirigentes do simpático grupo sonharam com um Parque Desportivo e tão lindo foi o sonho que se vai tornar em realidade. Já o sr. coronel Salvação Barreto, presidente da C. M. L., foi visitar o local, acompanhado pe o sr. engenheiro Arantes de Oliveira, director dos Serviços de Urbanização. Sim senhor, pode o Boa Hora levar a cabo a sua obra. O projecto do sr. architecto Peres Durão apresentado ao presidente do Município por intermédio da Direcção Geral dos Desportos, tem viabilidade. Uma participação do Commissariado do Desemprego, o auxílio da Camara e da Direcção Geral dos Desportos erguerão a obra, com a ajuda dos sócios do clube que cheios de alegria receberam a boa nova.

Em princípios de Março começarão as obras. Os terrenos são vastos e o Parque ficará animando um local populoso da cidade. Serão construídos campos de futebol, basquetebol e voleibol, «rink» de patinagem, uma piscina com 25,00x15 e um parque infantil. Depois, construído o Parque, a Camara tratará da urbanização do local.

Vai assim a actividade desportiva do Boa Hora tomar muito maior incremento?

— A justificar a construção dos campos — disseram-nos os dirigentes do Boa Hora, que fomos encontrar olhando enternecidos os seus terrenos, que são da Camara, que quando para ali foram lhos alugou.

— O futebol, para o qual já abrimos a inscrição será puramente amador, como aliás já é o basquetebol. Os nossos jogadores pagam as suas cotas e as suas deslocações. E nas outras modalidades contamos com a certeza no interesse que elas vão despertar entre os nossos sócios e a rapaziada cá do sítio. Além disso a nossa obra daremos sentido social. Se o Parque infantil representa essa ideia as modalidades desportivas que vamos praticar serão animadas desse ideal — o desporto, tendo em vista toda a sua pureza e benefícios.



Um aspecto geral dos terrenos que o Boa Hora utilizará para o seu Estádio.



Um trecho do actual campo de basquetebol, vendo-se ao fundo o sítio destinado à piscina.

Admirável. Eis uma obra desportiva que vai surgir animada pelo entusiasmo e pela dedicação, dois grandes predicados que são o factor mais importante que ajuda e dá vida às colectividades modestas do nosso desporto. O Parque Desportivo do Boa Hora Sport Clube será um exemplo.

O Parque Desportivo do BOA HORA

NOTA DA SEMANA

Depois da merecidíssima derrota do «onze» de Espanha por 4 bolas a 1, no Estádio Nacional, os jornalistas do país vizinho deram início a uma campanha de descrédito, lançada sobre os méritos do futebol lusitano, campanha que pretende convencer a opinião pública sobre o azar e injustiça do resultado.

Como era de esperar, a propaganda culminou quando os argentinos conquistaram imponente vitória consumada oito dias mais tarde.

Todos sabíamos que perder causa um mau-humor de mil diabos; o que ignorávamos era que produziu-se tão mau hálito. É impossível debruçarmo-nos a saborear a prosa dos plúmbeos do Manzanares sem que, das entrelinhas e do texto, venha ferir-nos a pituitária o odor ácido de uma indignação.

O próprio Ramon Melcón se destribe e desequilibra quando diz: «a vitória dos portugueses perdeu muito do seu valor, após as derrotas consumadas no Porto e em Lisboa, frente ao São Lourenço de Almagro».

O colega exagera. Nestes assuntos de facto, temos a opinião do célebre cauteloso fardado, a respeito da «taluda» que propinava aos fregueses:

— Quod est, EST! O que é, é mesmo! Sem litar nem pôr! Nada prova que o «onze» nacional de Espanha merecesse outro resultado do que 4 a 1. A não ser o de 6-1, como ia sucedendo!

O mais é fogo de vistas, e muita dialéctica para doirar a pílula e convencer o zé-povinho aborrecido. Terapêutica para uso interno, que contrasta de modo singular com as primitivas confissões dos próprios jornalistas espanhóis.

Explicam-se, sem esforço, ambos os resultados a oito dias de vista. Incumbidos de representar o país, os jogadores portugueses puseram em causa o brio e o sentido das responsabilidades que faltou no jogo seguinte. Esses sentimentos foram tão fortes que os de Espanha inda agora procuram digerir a pílula, com o auxílio de adjuvantes...

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

A vigésima sétima jornada do campeonato divisionário da Associação Inglesa de Futebol constituiu, sob alguns aspectos, um indiscutível fracasso.

Primeiro, o estado do tempo (frio e invernos como nas regiões árticas) que fez adiar dez desafios, tanto em Inglaterra como na Escócia, em vista dos terrenos se encontrarem cobertos de gelo. Segundo, a queda estrondosa de alguns clubes melhor cotados, sobretudo de «Manchester United», vencido pelo «Arsenal» (6-2) no célebre campo de Highbury.

O grupo visitante foi manifestamente infeliz. Chilton, médio-centro de Manchester e o seu melhor pilar defensivo, teve de passar a ponta direita, poucos minutos depois de iniciada a segunda parte, duramente atingido no baixo-ventre. Nesta data havia um empate a 2 tentos, mas a derrota não se fez esperar.

Depois da sua recente eliminação do torneio da Taça, este percalço constituiu um golpe doloroso e fez baixar o Manchester ao

sétimo lugar, a seis pontos do primeiro classificado.

A sorte acompanhou «Wolverhampton Wanderers» adiando o desafio contra «Portsmouth», mas «Preston North End», o segundo na ordem de méritos, perdeu com «Stoke City» (5-0), graças ao labor de Matthews, que enfiou dois tentos nas redes de Fairbrother. O trio defensivo de Preston cedeu de modo imprevisto.

O «Middles», terceiro classificado, também levou que contar aos adeptos. Jogando em casa contra «Sheffield United», perdeu por 4-2, embora os vencedores tivessem marcado contra si-próprios o primeiro tento da partida.

Os populares clubes «Charlton» e «Derby» foram batidos pelo «Chelsea» (3-2) e pelo «Blackpool» (2-1) respectivamente. O «Aston Villa» ganhou ao «Brentford» (2-0) apesar dos enormes progressos demonstrados pelos vencidos.

Assim, na 1.ª Divisão, continuou à cabeça o «Wolverhampton» (37 pts) seguido pelo «Preston N. End» (34), «Middles», «Blackpool» (33) «Aston Villa» e «Liverpool» (32).

Na 2.ª Divisão, «Manchester



O francês Robert Willemain (à direita) esquiva um hook que Ernie Roderick lhe lança com más intenções. O combate firmado para o título europeu dos «semi-médios» terminou ao 9.º assalto por desistência do britânico

Dois campeonatos europeus

Em dois minutos e seis segundos, Marcel Cerdan confirmou ser o melhor pugilista europeu da categoria «médios», despachando o belga Léon Fouquet ao primeiro assalto.

Na mesma sessão, outro francês, Robert Willemain, que conquistara o título do seu país em «semi-médios» vencendo Jean Walzsch, adjudicou o campeonato da Europa da referida categoria,

City» segue de vento em popa, depois de vencer o «Tottenham Hotspurs» (1-0).

Atrás vêm «Burnley», vitorioso sobre o «Swansea» (2-0), «Newcastle United», ganhando ao «Barnsley» (4-2) e «Birmingham», vencedor de «Southampton» (3-0).

Na 3.ª Divisão, (Norte) o «Doncaster» mantém uma superioridade pontual muito grande (7 pontos) sobre os imediatos, «Rotherham United» e «Chester», inferior no entanto à que o «Cardiff City» conquistou na mesma Divisão (zona sul). Este clube avança para o «Queens Park» e «Bristol City» em 10 e 12 pontos, respectivamente, sendo quase impossível que ceda a sua posição até ao último desafio da liga.

ao 9.º assalto, por desistência do britânico Ernie Roderick.

Ambos os matches se efectuaram em Paris, no Palácio das Exposições, que se encontrava literalmente cheio a transbordar. A polícia carregou sobre a multidão, de quase cinco mil pessoas, estacionada em volta do recinto e desejosa por invadi-lo.

Cerdan teve dificuldade em fazer o peso limite da categoria, pois, ao principiar os treinos, rondava os 78 quilos.

Na mesma sessão, o possante canhoto Charron pôs fora de combate o belga Demeyer, ao 3.º round, inferiorizado por um ferimento no sobrolho.

O próximo adversário de Fred Mills

Fred Mills, campeão da Europa e da Inglaterra dos «semi-pesados», que tem sido oposto a adversários muito superiores em peso e estatura, vai lutar agora com um preto americano de grande reputação: Lloyd Marshall.

Marshall conta entre as suas vítimas Curtis Sheppard, Joe Kahut, Joe Maxim, Ezzard Charles, etc., tudo pugilistas de incontestável mérito.

A arriscada aventura do misto B. S. B. contra o S. Lourenço de Almagro conseguiu suscitar, não só em Portugal como em Espanha, um movimento de interesse e surpresa.

Vemos, pela nossa parte, o agitar da multidão e da opinião pública com a mais viva curiosidade, e como exemplo de como é variável esta mesma opinião. Os ídolos geram-se e desfazem-se com uma facilidade incrível, e tão depressa uma coisa é boa como má, dado que a multidão é facilmente impressionável e não quer ver as razões de um facto, para o ver só, isolado, a nu, na sua simplicidade.

Porque sabíamos isto, demos o rebato, indicando, antes do desafio contra os argentinos, que tinha o sabor de aventura o que se ia fazer. Já em Madrid, com Manuel Caseiro, que tratou da viagem almagro, pusemos o mesmo ponto de vista, e quando chegámos a Lisboa, em conversa com um director da Federação, manifestámos o mesmo pensamento. Mas os jogadores são dos clubes, e ao S. Lourenço foi oposto um grupo de terríveis parecidos com a Seleção Nacional, não havendo maneira de não permitir a prova e a aventura. Ela verificou-se, e o seu resultado não podia ser mais infeliz nem mais desagradável, ao ponto de se pôr uma mancha negra na vitória mais brilhante do futebol português.

Dir-se-á, porventura, que tínhamos receio de apresentar o núcleo dos melhores jogadores portugueses contra os mestres argentinos, e que tal não tem a marca de desportivismo. Responderemos tão somente que há coisas sagradas, e que não havia qualquer interesse que justificasse a maneira como se procedeu, pois uma vitória do futebol português nada acrescentaria ao nosso historial (o Real Madrid havia chegado para vencer os sãolourenços!) e uma derrota desprestigiaria um *team* que, oito dias antes, fizera uma figura a todos os títulos brilhantíssima.

Porque não está nos nossos hábitos faltar à verdade, devemos declarar que estávamos inteiramente convencidos de que, correndo a aventura, poderíamos no entanto vencer. Após o encontro do Porto, em conversa com camaradas e amigos, não escondemos esse juízo. Eduardo Soares publicou essa opinião, e muito bem, no seu jornal, e logo ela foi objecto certamente de vivos comentários: — *Como o tipo se enganou! Podia lá ser, os portugueses vencerem aquela maravilha...*

Pela nossa parte, baseávamo-nos na espécie de futebol praticado pelos sãolourenços e nos resultados descritos pelo *team* em Espanha. Pondo de lado o caso do combinado em Madrid (visto em Barcelona ter-se verificado um *score* nivelado!), os almagros só uma vez conseguiram vencer, precisamente na sua estreia, contra o Atlético Aviación. De aí para diante, com árbitros, ou ingleses, ou imparciais, nunca mais venceram. Caindo em frente do Real de Madrid, por 4-1, não conseguiram ganhar, nem em Bilbao (empatando no último minuto), nem em Valência, e nem mesmo na Corunha!

Dadas estas provas, porque não

O Almagro era invencível?

— Não!, eis a nossa convicção

haveria de vencer o futebol português?

Estávamos convencidos da afirmativa. Os almagros não são homens que se possa deixar jogar à vontade... Especialmente, na linha da frente, há que sujeitá-los a verdadeira pressão, fazendo o jogo de posição, cerrado e estreito, de verdadeira sombra. Não poderá adoptar-se a marcação larga, pois dar terreno a semelhantes malabaristas é a tática mais errada deste mundo. E desde que um grupo qualquer consiga inutilizar o *dribbling* da frente, na medida do possível, é quase certo que os argentinos acabarão por sucumbir, visto a sua defesa ser facilmente perfurável, praticar vários erros de colocação e jogar de uma forma que facilita, de certo modo, a marcação de bolas.

Ora, nós bem conhecíamos o poder realizador do ataque (pessa à falta de Araújo) apresentado no Jamar, mas nunca supusemos que os elementos da defesa se desorientassem de tal modo que cada um começasse a jogar na fórmula do *salve-se quem puder*, praticando jogo egoísta, o mais contrário possível aos interesses da equipa. Houve jogadores cujo desentendimento foi nítido em todo o desafio. Esperámos, ainda, que, após o intervalo, as coisas sofressem alteração, mas a existência do próprio intervalo, e não vale a pena dizer porquê!, contribuiu para que os jogadores fizessem a demonstração plena de como é possível jogar tão ao contrário do que se deve...

O que lá vai, lá vai. E que a lição aproveite a todos. Nem sequer queremos imiscuir-nos na discussão a favor ou contra o jogo de posição, pois, diga-se o que se disser, gritando, esbracejando ou abrindo passagem, já não é possível recuar. A estratégia estuda-se cada vez mais, assim como as jogadas, e todo o *team* apresentará em campo o seu plano.

Evidentemente, o futebol praticado será tanto mais belo ou tanto mais eficaz, quanto mais destros forem os praticantes. Neste capítulo, sim, poderá ainda progredir-se. A técnica individual é imperfeita, e alguns dos jogadores portugueses denotam muitos defeitos. A técnica espantosa dos argentinos veio apenas tornar mais nítida a necessidade do aperfeiçoamento português.

Poderá, na verdade, aperfeiçoar-se a técnica individual do jogador português. Mas não tenhamos ilusões: dificilmente chegaremos à perfeição argentina, na qual influem muitos factores, mesmo os do clima, e ainda as características raciais. Por outro lado, enquanto se jogar como se joga nas nossas competições — e em toda a Europa e mesmo na terra origem do futebol, a Ingla-

terra! — não iremos muito longe no capítulo da técnica individual.

Diga-se, por amor à verdade, que não foi necessária a visita dos argentinos para se reconhecer o nosso relativo atraso neste capítulo. De resto, com toda a sua perfeição e malabarismo, os argentinos não conseguiram ganhar em Espanha sempre que se lhes opôs um *team* de clube. Já depois da sua apresentação no Vale do Jamar, fizeram 5-5 contra o Sevilha, resultando o empate de uma penalidade máxima a favor dos almagros. Quer dizer, este resultado confirma novamente tudo que dizemos.

Evidentemente, a imprensa espanhola aproveitou a oportunidade para fazer comparações (poderá realmente fazê-las com vantagem, mas o resultado só seria verdadeiro se o número de provas fosse idêntico num e noutro país!), atenuando tanto quanto possível os efeitos da derrota que mais tem custado aos espanhóis, e seguindo na orientação, traçada no Portugal-Espanha, isto é, não mostrando grande relutância em falar à verdade.

Os espanhóis chegam a ter o descaramento — não há outra palavra! — de dizer que os argentinos fizeram em campo tudo o que quiseram, apesar da violência do nosso jogo. Quem, como nós, viu as duas partidas, a do Porto e a de Lisboa, pode em consciência afirmar que nos comportámos com a maior das correções, e que esta atitude nos parece tanto mais notável quanto é certo estarmos a perder, e com acentuado desnível... E, na maior parte dos casos, a diferença de bolas gera a violência.

Mesmo os sãolourenços, em declarações, prestaram homenagem à disciplina e correção que caracterizaram as nossas exhibições. É certo, e não nos admiraria muito, que os argentinos sejam capazes de prestar declarações precisamente contrárias no vizinho país, mas isso nada tira nem acrescenta à verdade dos factos. E dizemos isto, porque os almagros declararam em Portugal que por cá se jogava mais do que em Espanha (a nós próprios, por exemplo, e na presença de altas individualidades, como o respeitado presidente da Federação Portuguesa), e foram dizer para Espanha que por lá se jogava mais do que por cá. Tal duplicidade de opiniões poderá ser da lei da gentileza, mas também nos parece procedimento que não deve passar em claro.

De resto, os espanhóis não nos poupam, em seus comentários, desde que se disputou o Portugal-Espanha. Se tivéssemos perdido, seriam certamente mais amáveis. Porque perderam, sofrendo uma verdadeira lição de jogo, alguns críticos e observadores di-

rectos do Jamar, o que nos parece mais espantoso!, inventam as coisas mais disparatadas para esconder a verdade, e esta afinal quanto mais a querem encobrir mais resplandece. Desde a nossa violência, de um modo geral, à patada brutal que pôs fora de combate Bañon (este leva a sua seriedade ao ponto de contar como a cena se passou, trocando apenas o nome de Curta pelo de Travassos!), e à péssima arbitragem, tudo nos é assado. Fazem-se até coisas na imprensa espanhola — curiosíssimas. Por exemplo, publica-se uma foto, dizendo-se, na legenda, tratar-se de uma carga violenta e ilegal dos portugueses, e a pobre da fotografia — coitada! — revela o contrário, mostrando inofensivamente de que lado está a violência e a ilegalidade.

O árbitro inglês é tratado pelas ruas da amargura. Põem-no a fazer de tudo, a favorecer os portugueses dentro do rectângulo, e a pular de contentamento e alegria logo que terminou o encontro, abraçado emocionadamente aos jogadores portugueses e aos juizes da linha, como que dizendo: — Ainda bem! Ganharam os melhores aliados da Grã-Bretanha!

Nunca vimos, em nossa vida, uma tão grande falta de sensibilidade. Este sacrificio da verdade e de outros sentimentos que se está a passar na imprensa da especialidade em Espanha nem sequer destrói, apaga ou inutiliza o que quer que seja da luminosa vitória de 26 de janeiro. Vencemos, por jogar melhor e porque soubemos transformar praticamente esse melhor jogo. Talvez que a Espanha haja perdido por jogar hoje menos do que antigamente. De tal não temos nós culpas. Se, de resto, os espanhóis estavam convencidos disso, e não queriam perder, porque não pediram o adiamento do jogo contra Portugal, como, relativamente a Espanha-Irlanda, se chegou agora a dizer? Também era uma solução.

Tavares da Silva

Ano V — II Série — N.º 219
Lisboa, 12 de fevereiro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19.-3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA



Vasco luta com Rogério! Mas não o lance, nem a actuação dos jogadores, de momento, nos interessa...
 O Benfica-Belenenses foi disputado num campo de terra batida que, por causa da chuva, estava enlameado e cheio de pedras, tornando impossível futebol de qualidade. Já temos em Lisboa três campos de terra (brevemente haverá quatro!), e, na verdade, os campos duros já não satisfazem a vista nem outros objectivos do desporto.
 A fotografia que publicamos mostra bem o estado do terreno, justificando algumas falhas de ligação. É preciso tornarmos-lo mais uma vez: — espalhar cal e de reiva pelo País!

**BENFICA, 3
 BELENENSES,**



Nesta fotografia, que abrange grande area do terreno, vê-se Espírito Santo em duelo cerrado com Serafim. O guarda-rede suplente do Belenenses, Sérgio, saiu a cortar o ângulo da baliza; e Feliciano observa colegas e adversários



Uma defesa de Martins apertado por Teixeira da Silva, avançado belenense, que reconhece ter chegado tarde...



Um molho de jogadores em volta da bola. Reconhecem-se Feliciano, Espírito Santo, Baptista, Serafim e Gomes. Luta-se muito junto da baliza belenense!...



Mário Reis, tipo de jogador valente e decidido, desvia uma bola alta, no seu caminho para a rede



Szabo tem as suas redes em perigo. Mas desta vez, graças à intervenção de um colega, não entrará qualquer tento



**Os
 SETUBALENSES
 triunfaram
 expressivamente**

Os estudantes defenderam-se o melhor possível. A equipa sadina, ao ataque, procurou impor-se, não dando tréguas

**O ESTORIL
 AFIRMA-SE...**



Defesa arrojada de Correia aos pés de Mota — um avançado perigosíssimo



Nova intervenção do guarda-rede alcantarense. Loureiro está próximo do gol



Sebastião tem pinta de jogador. Defende com segurança, apoiado em Eloi

A derrota sofrida há pouco mais de quinze dias no nosso Estádio Nacional foi, como era lógico, uma espécie de espinha que ficou dolorosamente atravessada na garganta dos críticos e dirigentes espanhóis, e que só com muita dificuldade estes hão-de engolir.

Reconheça-se que a grande maioria dos comentários de imprensa prestou inteira justiça ao valor da vitória portuguesa (lemos quase todos os jornais espanhóis e só encontramos azedume nas referências de Juan Deportista, em ABC, e desleignância numa crónica de «Metas», assinada por um tal Araújo), mas o orgulho desportivo ficou mal ferido e, como era de esperar, recebeu como um bálsamo a primeira oportunidade favorável: o desaire do seleccionado lisboeta ante o grupo argentino de San Lorenzo de Almagro.

O diário «Marca», no número de segunda-feira, em que anunciava o acontecimento (encabeçando em grossas letras vermelhas a primeira página), dizia em título: «O San Lorenzo de Almagro vence rotundamente a selecção de Lisboa»; em primeiro insidioso sub-título acrescentava: «Na equipa lusitana, batida por 10-4, alinharam dez dos jogadores que enfrentaram a Espanha», concluindo ainda com maior subintenção: «E o conjunto argentino foi o mesmo que o Madrid venceu por 4-1».

Não existe nestas frases o mais pequeno desvio da escrupulosa verdade e, no entanto, os que sentem agora a espinha somos nós, porque não houve, por parte de quem interveio ou superintendeu na organização do grupo misto, a precaução elementar e a reflexão preventiva de salvaguardar o prestígio simbólico do grupo representativo português.

O enviado especial da Agência espanhola Alfíl (não haverá forma de meter na ordem estas agências, que sacrificam sem escrúpulos a realidade aos interesses comerciais?) retoma, a propósito do jogo contra os argentinos, a mesma desagradável e falsa insinuação que serviu a alguns críticos para pretenderem explicar o desastre no Jamor: a dureza dos nossos jogadores, afirmando que «a violência dos portugueses foi ineficaz ante a mestria argentina».

O mais curioso é que, na página fronteiriça, onde se comenta o encontro Madrid - Castellón, vêem-se duas gravuras de jogadores conduzidos em maca e um subtítulo dizendo: «Un partido sucio y de mal juego».

Enão, senhor correspondente? Cá ou lá?

Diferença fundamental

O confronto entre os processos e capacidades de jogo dos grupos do BSB e do Almagro impressionou profundamente todo o público presente no Estádio, ao ponto de lhe fazer olvidar as calorosas manifesta-

ções de aplauso que uma semana antes dispensava aos mesmos jogadores vitoriosos, assobiando-os porque sucumbiam ante o talento de novos e muito mais hábeis adversários.

O contraste, a oito dias de distância, era flagrante; os mesmos homens que haviam imposto, ante os ex-mestres espanhóis, absoluta autoridade na condução das manobras em campo, eram agora ludibriados pelos sul-americanos, fazendo figura de aprendizes sem consciência da missão a desempenhar.

Todos os técnicos portugueses do futebol manifestaram já a sua opinião, aliás unânime, reconhecendo a enorme superioridade de execução individual dos visitantes e a aplicação de sistemas preconcebidos de acção colectiva, só possíveis quando as equipas são formadas por elementos em por cento profissionais, mais representativas de arte espectacular do que de desporto, no sentido de factor subsidiário na vida social dos praticantes, que é o lugar que lhe compete segundo as boas leis da moral e da razão.

Sem pretensões de alardear conhecimentos, pois são inco-

láveis os pontos focados pela crítica especializada, um outro aspecto ainda da luta nos impressionou sobremaneira: a facilidade com que os argentinos surgiam desmarcados ante a nossa baliza, a frequência com que se via no campo um português enfrentando dois adversários e fazendo de um para outro vãos percursos em procura da bola sempre esquiva.

Desaparecera, portanto, o nosso sistema de rigorosa marcação. Por que motivo? Foram os jogadores portugueses que esqueceram a sua missão habitual ou os jogadores do Almagro quem lhes impediu o seu desempenho?

Inclinamo-nos para a segunda hipótese, porque nela encontramos a diferença fundamental entre os dois métodos de jogar: enquanto a base em que assenta o sistema em uso pelos portugueses é impedir a acção contrária para depois agir por iniciativa própria, os argentinos preocupam-se antes de tudo em construir jogo, iludir o antagonista e, quando a iniciativa lhes foge, mas só então, anular o esforço contrário para recomear os seus esquemas essencialmente positivos.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado . 80.000.000\$00
Fundos de Reserva 82.500.000\$00

LISBOA

Dependências Urbanas:

Alcântara
Poço do Bispo
Conde Barão
Almirante Reis
e Benfica

Filiais e Agências:

PORTO	COIMBRA	
Braga	Ponta Delgada	Covilhã
Faro	Torres Vedras	Gouveia
Estoril	S. João da Madeira	Santarém
Olhão	Torres Novas	Espinho
Moura	Tortozendo	Mezinhos
Guarda	Figueiró dos Vinhos	Abrantes
Montijo	Vila Franca de Xira	Mangualde

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

De todos os comentários lidos na imprensa espanhola depois da derrota no Jamor, talvez o mais expressivo e curioso seja aquele que sob o título que encima estas linhas publicou o semanário «Deportes» de Valência, assinado por Cojuelo.

Transcrevemos alguns períodos: «Nos anais do futebol lusitano, o partido internacional, jogado ontem no Estádio Nacional de Lisboa, figura gloriosamente assinalado como a batalha de Aljubarrota do desporto português. Durante 16 encontros com a Espanha, Portugal buscou tenazmente este resultado; nem nos campos próprios, nem nos do nosso país, nunca conseguiu obter êxitos melhores do que o empate. A cada desilusão, a moral dos portugueses subia e, com ela, o desejo de uma vitória que desse ao futebol nacional o lugar que nunca ocupara.

«No último encontro, a selecção portuguesa era credora da fé unânime e animosa do país, firmando as suas melhores esperanças no recente descrédito do nosso futebol.

«Com a confiança na vitória, reuniram o conjunto mais eficaz, sem atender à vaidade dos jogadores nem à influência dos clubes; treinaram-no cuidadosamente durante muitos dias e, na hora decisiva, ganharam com todos os merecimentos, por superioridade de técnica, de moral, de preparação atlética, de individualidades e de conjunto.

«Os correspondentes enviados a Lisboa informam-nos de que todo o país vibrou de entusiasmo pelo resultado, procurado com lamenha insistência. É natural. Portugal era considerado como uma potência desportiva de primeira categoria. Desde ontem subiu no conceito universal. Ocupa praticamente já o lugar que pertencia ao nosso país, que todo o mundo considerará com razão em franca decadência futebolística. Digam-nos agora se esta supremacia no futebol ibérico não merece ser equiparada ao triunfo militar de Aljubarrota. Não pode ser-nos agradável reconhecer que a nossa equipa demonstrou nítida inferioridade, apesar do patriotismo que os enviados especiais proclamaram pelos microfones. Mas a realidade deve ser aceite tal como é, sem subterfúgios ou explicações satisfatórias.

E, em conclusão, depois de haver focado a necessidade de medidas salvadoras: «O que se passou ontem já não tem remédio. Compete-nos apenas, como irmãos, felicitar o futebol português pelos seus notórios progressos e pela nova categoria internacional, que herdou de nós próprios. Façamo-lo sem reservas e com alegria; souberam merecê-lo e conquistar a vitória que ambicionavam e que toda a Espanha, com as únicas excepções de D. Pablo Hernandez Coronado e de Bañon, considerava certa.

“FLECHA”
a melhor bicicleta

OS TÉCNICOS do futebol português andam alarmados com dois acontecimentos: — a derrota do F. C. Porto por 9-4 contra os argentinos, e a vitória do mesmo F. C. Porto 48 horas depois na frente do campo do Algarve.

Pelo que observámos, não faltou quem julgasse a vitória dos portugueses produto da lição recebida, e isto nos parece digno de opereta. Aprender em hora e meio todos os segredos da bola, só poderia caber na imaginação dos técnicos deste popularíssimo desporto!

Parece uma coisa tão fácil de discutir — o futebol...

♦ TEREMOS infantis nos clubes portugueses? Oxalá. Vendo jogar os homens da Argentina, recordámos os velhos tempos e mais uma vez ficámos convencidos de que «aquilo» só se aprende com muito tempo, muito trabalho e desde menino e moço.

A ideia de afastar os garotos foi infeliz, e julgamos que, se os clubes portugueses quiserem, serão autorizados a criar de novo as equipas de onde saíram muitos dos seus melhores jogadores.

♦ O SISTEMA exibido pelo F. C. Porto contra os argentinos não prima pela regularidade. Ora era W. M. ora era outra coisa qualquer. Os portugueses emendaram-se logo que se viram envolvidos, e como quiserem imitar os adversários — perderam irremediavelmente.

No domingo a seguir — jogaram dentro do sistema habitual, mas como deram provas de preparação superior aos albanenses, ganharam folgadoamente. Os algarvios desempenharam então o papel do F. C. Porto contra os argentinos...

No fundo — tudo futebol.

♦ ONOFRE não foi transferido para o Benfica. Mas isto sucedeu na primeira tentativa. A época passada, Elói Costa Pereira obteve o mesmo resultado... mas acabou por alinhar no popular clube lisboeta.

Os clubes já descobriram o «fracas». Não é difícil arranjar empregos e outras coisas mais. Tudo muito reinado.

Claro que o F. C. do Porto não deixará de lutar. Entregou o assunto à D. G. dos Desportos e da Imparcialidade e bom espírito desportivo deste organismo aguarda as necessárias providências.

♦ O LIMA recebeu excelentes benefícios. Bem precisava deles o Campo do Académico, que tem servido de «refúgio» ao F. C. do Porto e ao Boavista, sem instalações apropriadas e capazes.

Mas nunca poderá esquecer-se o Estádio do F. C. do Porto, como o próprio Estádio Municipal. O Sr. Governador Civil, coronel Joviano Lopes, é um dos interessados, um dos mais entusiastas, como por vezes demonstra, junto dos dirigentes e da própria imprensa. Bem agradecidos lhe ficam os desportistas desta terra, que não é a sua, mas à qual dedica extraordinária simpatia.

♦ A RECEITA do jogo F. C. do Porto-Almagro não foi extraordinária. Mas foi boa. No dia em que o F. C. do Porto inaugurasse o seu

Não se deram por terminados os comentários sobre a recente visita dos argentinos ao Porto, e nem se esqueceram ainda as opiniões valiosas e apaixonadas que atilado e inteligente jornalista se não cansa de colher. Depois de Artur Sousa, surgiu Valdemar Mota, dois rapazes que o Porto estima por igual, a tal ponto trabalharam pela projecção do futebol-arte, do futebol todo estilo e beleza, mas que não excluía o lado duro, a vivacidade — o máximo de energia.

Quando Valdemar e Artur jogaram lado a lado, também possuía o F. C. do Porto elementos que «marcavam» estreitamente o adversário, servindo-se dos seus dotes físicos. Nem tudo era leveza, classe. Avellino Martins, Francisco Castro, Álvaro Sequeira, Carlos Pereira, o próprio «Alvarito», como Francisco Ferreira, quando alinhava nos campos do Norte, tinham a sua colocação certa no terreno e nunca davam liberdade aos adversários. Executavam, verdadeiramente, o M. M., embora todos os jogadores, pelo seu valor pessoal demonstrassem recursos superiores a alguns de hoje. Mas o sistema existia. Se os defesas «marcavam» os interiores, o médio-centro o avançado centro e os médios laterais os extremos, o jogo «policial» dominava sempre, embora em M. como hoje em W., o que afinal não quer dizer absolutamente nada de particular.

Com o M. M. venceu o F. C. do Porto equipas de grande classe, vindas da Europa Central, e lá vai uma «revelação» para a história das letras tão chamadas agora nos jornais por assomadações elementos. Há muitos anos, no Estádio do Lima, precisava o F. C. do Porto de ganhar ao Salmgueiros para conquistar novo campeonato. Tavares Bastos veio do Caramulo e actuou a avançado centro, marcando três pontos. O avançado centro contrário chamava-se Joaquim Reis, já falecido como Tavares Bastos, mas nessa altura em melhor forma. Era um perigo na frente da baliza o simpático «Farrão»!

Que fez o F. C. do Porto, em-

Estádio, poderia garantir-se uma receita superior a mil contos. Tira-se daqui uma conclusão inevitável: o clube campeão do Norte, em presença de responsabilidades, não deve ter grandes receios.

Mas o que seria preciso para isso? Ter o Estádio, evidentemente...

♦ O BOAVISTA foi copiosamente derrotado, em Lisboa, contra o Belenenses. São coisas que acontecem aos melhores. Não deverá esquecer-se, entretanto, que o segundo do Porto jogou muito tempo com 10 homens, por lesionamento de Pereira. A falta foi muito importante.

Não se faça confusão...

baraçado com o valor do Salmgueiros, para muitos possível vencedor desse jogo e do título? Nada mais nada menos que o W. M. — para conseguir a vitória. Esclarecemos: — Júlio Cardoso jogou esse encontro de «guarda» a Joaquim Reis; um médio lateral e o médio centro «marcavam» os interiores; outro médio lateral e outro defesa companheiro de Júlio actuavam junto dos extremos. Como actualmente.

Talvez muitos se recordem deste facto, e não nos custa apontar o grapo que representou o F. C. do Porto, para se testem-nhar o W. M. já velho e portador de mais vitórias do popular clube em tempos áureos. Eis a equipa dessa tarde vitoriosa e que só o sistema fez triunfar como era opinião geral; Siska; Júlio Cardoso e Temado; Humberto, Coelho da Costa e Floriano; Artur Freire, Balbino da Silva, Tavares Bastos. Norman Hall e João Nanes. Quase toda esta equipa, apenas trocando Tavares Bastos por Flávio Laranjeira, triunfou depois em Vianna do Castelo, contra o Sporting, empregando o mesmo W. M.

Logo, o sistema é velhissimo no F. C. do Porto, e por certo Valdemar ou Artur Sousa se não recordam dele, como o nosso camarada que os entrevistou. O que possivelmente os leva ao esquecimento é bem simples: — a habilidade individual dos personagens do W. M. foi durante muitas épocas de tal categoria, que não se dava por ele. Batiam os adversários com a mesma facilidade dos argentinos, e a certa altura já se não sabia que letras andavam sobre o terreno.

Essa é afinal a única verdade. Se o F. C. do Porto de hoje conseguisse ver-se servido por elementos no estilo de muitos que por lá passaram, melhorava de classe. Porque actualmente está divulgada o sistema — e o jogador compreende-o e estuda-o cuidadosamente. Falta-lhe, isso sim, a preparação individual ou classe, como queiram, e isso já não é culpa do W. M., mas do aperfeiçoamento a que pôde chegar cada um.

Artur ou Valdemar não têm razão. O dr. Oscar de Carvalho, figura que todo o Porto conhece, via em Lisboa o Portugal-Espanha e aplaudia o W. M. após crítica muito sensata e inteligente. Oscar foi também um grande jogador, dos mais cultos que o futebol português produziu. O seu escripto tem absoluta oportunidade, e ainda mais por se não sentir egotado com o futebol de hoje, ele que no seu tempo brilhou contra grapos da melhor categoria.

O que nos parece de aconse-

lhar, e aos bons críticos e observadores cabe esse papel, é o ensino desde o infantil até à entrada dos jogadores nos grupos de honra. Quando se entrar nesta equipe, deverá o jogador saber tudo o que tiver de melhor o futebol, e então veremos se este possui ou não categoria para se impor aos mais considerados centros.

A lição argentina, a despeito de ter sido dura, no Porto como em Lisboa, talvez haja sido benéfica. Não a repetem, por ser impossível, mas não nos repugnava acreditar numa reviravolta surpreendente caso o li-zessem. O nosso futebol possui a classe que lhe negam não se sabe bem porque, embora no Porto se acompanhe mal, equipa por equipa, a marcha de Lisboa, — e por isso nos cheira a exagero ou tendência para a campanha esta série de artigos demolidores que nem a vitória sobre a Espanha fez esquecer.

Além de tudo o mais, o não se comentar com a ideia de estabelecer doutrina gera terrível confusão nos espiritos. Os jogadores são os mais sacrificados, por ouvirem aqui dizer mal e ali bem, por lhes aparecerem nos jornais títulos que surpreendem pelo volume e pela contandência.

Claro que se ouvirmos alguns jogadores do tempo das «balizas às costas», logo nos dirá, saudoso:

— Ai no meu tempo! Isso sim! Hoje... é uma tristeza. Não se percebe nada de futebol...

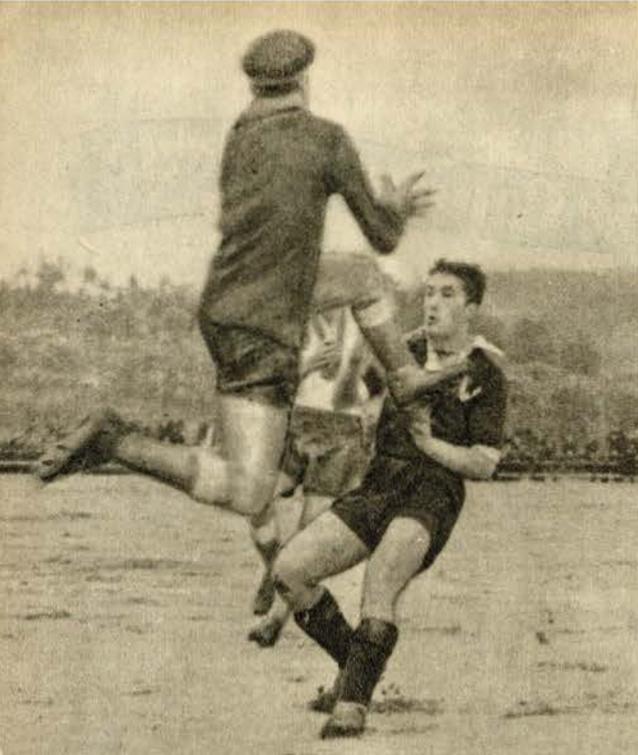
Mas podem os críticos responsáveis, presos ao virtuosismo de um ou outro elemento, correr por cima de toda a folha e garantir por conta alheia que não evoluiu o futebol português a ponto de ser considerado na própria Inglaterra, que nos vai visitar em Malo?

Não se tratará também de um boadinho de cime? Ou não se pretenderá fazer oposição a critérios diferentes, por ser de bom tom?

Estamos já habituados a ver a campanha conduzida sempre no mesmo sentido, e isso revela paixão. Indiscutivelmente. Nem sempre o sistema será bom, mas também nem sempre é de considerar mau, pernicioso ou estúpido, como temos ouvido a pessoas que pelo país fora transmitem opiniões. Não se contemporiza. Não se dá um parecer sem egoísmo e a sangue-frio, e quando o futebol é bem digno de ser tratado com a máxima cautela e com os cuidados devidos ao seu difícil funcionamento.

Afinal, o número de técnicos é volumoso. Que n disser o contrário não está bom da cabeça...

Luta entre minhotos



Uma defesa oportuna do guarda-rede famalicense, apertado por um atacante vimaranense



Curiosa atitude no jogo entre os «primetros» minhotos. Um famalicense está entre dois adversários

Vitoria academista na 2.ª Divisão



Defesa difícil mas segura do guarda-rede academista, ajudado por um companheiro



O guarda-rede do F. C. Famalicão não teve tarefa fácil. Mas foi sempre seguro



O Académico do Porto exibiu-se com muito agrado contra o Sporting de Braga, a quem venceu por 3-1. Eis uma fase do ataque portuense, que a defesa dos minhotos procura impedir no último momento

O desporto madeirense, especialmente o futebol, tem a sua actividade ligada ao movimento futebolístico dirigido superiormente pela Federação. Quando o futebol das formosas ilhas atlânticas tinha o seu lugar nos torneios do futebol da Federação, nunca o seu comportamento desmereceu da importância desses torneios. Era até um belo estímulo para os grupos madeirenses e a sua vinda a Lisboa constituía motivo de curiosidade e natural interesse para os desportistas da capital do Império.

Surgiram depois as dificuldades de transportes e até mesmo de carácter financeiro, e o futebol madeirense deixou de vir a Lisboa disputar o campeonato da Taça, quando se assim o contacto valioso do futebol continental com o das nossas ilhas. E, no entanto, a posição assámi-



O grupo de honra do Marítimo, que não conta uma só derrota na presente temporada. Madeira continua a dar bons jogadores!

Porque não há-de vir a Lisboa

O SPORT CLUBE MARÍTIMO?

pelos grupos representativos do futebol da «pérola do atlântico» mereça sempre justos aplausos.

No Ilha de Madeira está actualmente em primeiro plano o Sport Clube Marítimo — o nosso conhecido Marítimo, do Funchal, team de pergamimãs, já vencedor de um Campeonato de Portugal.

Na presente época, o Marítimo tem desfrutado de uma superioridade notável, trazida nas suas vitórias no campeonato regional, na taça americana «Recordações da Madeira», no torneio de Preparação e por último na taça «Mabor», isto é, em todas as provas levadas a efeito esta época, sem ter conhecido uma única derrota.

Este facto não traz de facto sorte ou grande desnível das outras equipas, mas sim a boa orientação técnica que se reconhece no Marítimo, cujo grupo de honra é actualmente formado por jogadores jovens, fazendo alarde de natural habilidade e intuição, pela qual cuida o treinador do clube, Alexandre Rodrigues, sabendo aproveitar as qualidades magníficas de que dispõe o grupo dos futebolistas do Marítimo. O treinador tem sabido dar ao grupo um sentido especial de ligação entre os seus

jogadores, fazendo do team de honra do Marítimo uma equipa homogénea e voluntariosa. É um grupo formado à base de gente nova, onde se estão destacando o guarda-redes, um rapaz de 19 anos, que dia após dia, joga sobre o gol, se firma com qualidades excepcionais. Um outro jogador, o avançado-centro Real, de 18 anos, considerado como o

horror dos guarda-redes. Ainda a defesa, constituindo boa parilha de backs que sabe do seu lugar, e um outro jogador — outro 18 anos — Américo, um extremo-esquerdo que possui remate fortíssimo. Mas todos estão à altura de bem merecer a o entusiasmo que os rodeia e o interesse com que se apreciam as exhibições do Marítimo, do Fan-

chal, com dedicada e valiosa colaboração no desporto madeirense, campeão regional de futebol há três épocas seguidas e que no seu historial desportivo conta com os melhores feitos que se têm registado no desporto local.

Porque não há-de vir a Lisboa o Marítimo, como representante do futebol madeirense?

Esta época, a visita do campeão das ilhas será difícil, visto não se disputar a Taça de Portugal. Prevenindo-se com tempo, essa deslocação poderá ser um facto na próxima temporada. Entretanto, a mexer-se agora na latara regulamentação, osamos pedir justiça para a Madeira, neste verdadeiro ansio do futebol português.

NATAÇÃO

Disputam-se em Setembro os Campeonatos Europeus

A representação Nacional

Conforme é do conhecimento público, estão marcados para a primeira quinzena do próximo mês de Setembro os campeonatos europeus de natação, a disputar no principado de Mónaco.

Encontramo-nos, assim, a uns escassos oito meses das provas máximas da natação europeia, nas quais se impõe que Portugal esteja presente. E é exactamente por considerarmos que, de forma alguma, não nos devemos abster de ir a Mónaco — inclusivamente para aprender algo do muito que nos falta conhecer — que, mais uma vez, e como sempre, com apreciação e antecipência, vimos proclamar a necessidade de cuidar com seriedade, a tempo e horas, da representação nacional.

Não cabe aqui recordar os quinze dias de preparação — chamemo-lhe assim — a que foi submetido o grupo de «water-polo» que defrontou a Espanha em 1945, nem tão pouco os cinco treinos efectuados pelos seleccionados para o encontro da época finda, disputado em Tenerife.

Não pretendemos, também, focar quaisquer outros aspectos tristes da questão. Aliás, o extraordinário Mário Simas, com pro-

fundo conhecimento de causa e invulgar desassombro — virtude hoje tão rara... — já deles se ocupou na sua «Flama» e na «Vela».

Não nos interessa recordar o que nestas colunas alvitramos em ambos os casos, no sentido de salvaguardar uma representação nacional honrosa.

No momento presente, apenas queremos, a oito meses de distância, pôr a questão com objectividade: os campeonatos europeus de natação realizam-se no próximo mês de Setembro, e urge cuidar — em bases sérias — da representação portuguesa.

Antes de mais nada, parece-nos que os dirigentes da modalidade não poderão continuar, como normalmente, de Outubro a Maio, de braços cruzados. Não. Este ano temos os Campeonatos europeus, em 1948, possivelmente, os Jogos Olímpicos. A actividade dos nadadores não pode, pois, resumir-se aos escassos seis meses — quando são seis — da temporada chamada de Verão.

Temos, inevitavelmente, elementos que poderão representar dignamente, em Mónaco, a natação lusitana. Mas não é, de modo

algum, seleccionando-os na véspera do torneio europeu, que eles se poderão apresentar no melhor da sua «forma».

Impõe-se, pois, a elaboração de um criterioso plano de trabalho. Não é improvisando conjuntos, ou recorrendo à inspiração do momento, que se conseguem resultados que dignifiquem o desporto português.

Há que ponderar todos os aspectos do problema: a escolha dos elementos, a sua preparação, a periodicidade com que serão chamados a prestar provas, as condições em que se deverão deslocar e, inclusivamente, dado que é pormenor por demais importante, as pessoas sobre quem deverá cair o pesadíssimo e complexo encargo de os acompanhar e orientar em terra estranha.

Em conclusão, há que iniciar, urgentemente, a preparação dos nossos possíveis representantes nos Campeonatos europeus de natação de 1947.

Caso contrário, teremos, mais uma vez, que entoar as já conhecidas estrofes da canção dos vencidos...

Abreu Torres

A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

Av. Almirante Reis, 6

LISBOA

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VI — Os 1.500 metros

Não é ousado afirmar-se que nunca tivemos em Portugal corredores propriamente especializados nesta distância; em consequência, o nosso recorde foi sempre o pior de todos nas corridas do programa olímpico e só no final da época passada, com a prova de Bastos em Barcelona, atingia a categoria dos 800 pontos finlandeses.

Em 37 anos de actividade atlética, apenas o recordista desceu além dos 4 m. 10 s. e são onze outros corredores apenas aqueles que conseguiram menos de 4 m. 20 s., o que é modestíssimo se considerarmos que o limite inferior da classe internacional exige menos de quatro minutos.

Todos os homens que figuram em realce no historial da distância foram essencialmente especialistas das distâncias contíguas: dos 800 m. ou dos 5.000 m., nas quais obtiveram resultados superiores.

A primeira prova de 1.500 m. disputada no país fez parte do programa dos Jogos Olímpicos de 1910; venceu Matias de Carvalho, do Velo Clube, corredor especializado em provas de longa distância. O tempo gasto, muito inferior, foi de 4 m. 56 s. e o segundo classificado, Armando Cruz, foi batido por quase vinte metros.

Segundo o comentário de um jornal desportivo da época, «houve homens que, momentos antes da partida para esta prova, acenderam um cigarro e enche-

ram com volúpia os pulmões de fumo».

Em 1911, os dirigentes eliminaram a prova do programa do campeonato, reaparecendo no ano imediato com segunda vitória fácil de Matias de Carvalho, em 4 m. 36 s.

A animação em 1913 foi maior. O concurso organizado pelo jornal «O Mando» reunia tal quantidade de inscrições que foi necessário recorrer a eliminatórias, saindo no final vencedor o sportinguista João de Aguiar, outro corredor que ganhou nome nas provas de Maratona.

O célebre concurso inter-escolar desse ano proporcionou nova prova animada, na qual terminou primeiro o estudante de farmácia Atílio Boirão. Por conveniências de pontuação para a sua Faculdade, participou na prova o aluno de medicina Salazar Carreira, classificado em 4.º lugar.

Meses depois, por ocasião dos festejos comemorativos do aniversário da República, Salazar Carreira voltou a repetir a aventura e ganhou os 1.500 metros, batendo César Machado. Indútil esclarecer que os especialistas estavam ausentes.

Finalmente, o campeonato nacional foi apanágio de Francisco Rocha, que estabeleceu novo recorde português com 4 m. 34 s.

Na temporada seguinte, de 1914, foram três as corridas da distância a acrescentar à lista: a do concurso inter-escolar foi simples passeio de dois



Arnaldo de Sousa e Joaquim Alvarez, dois corredores que se assinalaram nas provas nacionais de meio-fundo curto

homens que antecipadamente haviam firmado a sua classificação — irregular, portanto — e Boirão conservou o título em 5 m. 20 s.

No campeonato do S. P. E. F. N. classificado-se vencedor Matias de Carvalho, que reapareceu após um ano de inacção, em 4 m. 42 s. e do torneio da F. P. S. saiu campeão Francisco Rocha, do «Cit», em tempo que não conseguiu encontrar registado. Este mesmo corredor triunfou na época imediata, 1915, com 4 m. 49 s.

Todas estas marcas referentes ao período inicial do nosso atletismo são expressivamente modestas. As provas dos dois primeiros anos do Concurso do Benfica mantiveram-se no mesmo plano (em 1918 venceu Cecílio Costa no incrível tempo de 6 m. 6 s. e em 1.19 ganhou Feliciano Gonçalves em 4 m. 48,4 s.) e só em 1920 nos aparece o primeiro especialista da distância, o benfiquista Artar dos Santos, o primeiro português que alcançou percorrer os 1.500 metros em menos de quatro minutos e meio; foram precisos, para lá chegar, dez anos de prática e vão ser necessários mais sete para chegar aos 4 m. 20 s. e, em seguida, outros vinte para ultrapassar a casa dos 4 m. 10 s. O recorde estabelecido em 1920

por Artar dos Santos foi de 4 m. 28 s., tempo que não conseguiu melhorar, pois as suas vitórias nos dois anos seguintes se cifram em 4 m. 36 s.

O primeiro campeonato regional promovido em 1922 pela nova Federação de Atletismo ficou assinalado pela lata travada entre Artar dos Santos e Albano Martins, a qual apenas se decidiu quando o primeiro atingiu o limite das forças.

O vencedor tomou o comando logo à segunda volta — a pista fora traçada no velho campo do S. L. B., — seguido por Artar como pela própria sombra, e assim seguiram ambos até à última curva, onde Albano fugia à pertinácia do rival, cortando a meta distanciado, em 4 m. 25 s., três segundos a menos do que o antigo recorde.

Albano voltou a vencer no campeonato nacional, em 4 m. 27,8 s., sustentando luta cerrada com Abílio do Nascimento, ao passo que Artar dos Santos, desde o início, se via relegado para o terceiro ponto.

A temporada seguinte não se revestia de interesse especial; o rival mais directo de Martins foi outro vendedor de jornais, António Pinto, um estreante que

Salazar Carreira

(Continua na página 19)



Nogueira e Pires de Almeida conduzem o pelotão numa corrida de 1.500 m.; em terceira posição na corda vem António Celado

Regresso ás vitórias olhanenses



O guarda-rede sanjoanense Barbosa defende em mergulho decidido aos pés de Salvador



Salvador está fora da linha da bola. Algum aveirense lhe tocou na altura própria...



Os defesas do campeão de Aveiro seguem o trabalho do seu guarda-rede. Ele tem cumprido



Cabrita acaba de dominar os defesas sanjoanenses, para se encaminhar para a rede — a desejada meta

BENFICA CAMPEÃO DE BASQUETEBOL

O Sport Lisboa e Benfica obteve mais um título: — o de campeão da Associação de Basquetebol de Lisboa, em 1.ª categoria. E a gerência da popular colectividade sempre vigilante e segura das suas responsabilidades, prestou-lhe há dias a homenagem que souberam conquistar os seus representantes.

Na intimidade clubista, os jogadores campeões ouviram palavras de entusiasmo e de fé na sua carreira, respondendo todos no mesmo propósito. A equipa, que se vê ao lado, formada por Sebastião, Morais e Triadade, no primeiro plano; Montalvão, Campos, Homero e Santos no segundo, vai agora disputar a prova máxima, possivelmente mais dura mas com certeza ainda mais própria para as suas aspirações de a vencer.



O Oriental teve dificuldades

contra os Ferroviários do Entroncamento

Nova derrota do Salgueiros—Superioridade do Lusitano de Vila Real—O Académico do Porto obteve bom resultado contra os bracarenenses e o Leça foi perder a Viana do Castelo—Nenhum clube lisboeta perdeu!

Resultados gerais do último domingo:

Grupo A—1.ª série:—Mirandela-Vila Real, 1-7; Flavia-Sp. Lago, 3-0.

2.ª série:—Vianense-Leça, 2-0; União Paredes-Leixões, 1-2.

3.ª série:—Avinetes-Salgueiros, 5-1; Aves-Gaia, 5-0; Sp. Fafe-Oliveira Douro, 6-2.

4.ª série:—Académico-Sporting Braga, 3-1; Candal-Infesta, 3-0; Gil Vicente-Ermeziende, 3-2.

Grupo B—5.ª série:—S. L. Viseu-Beira Mar, 1-7; Sp. Espinho-Ovarense, 2-0; Conimbricense-Ac. Viseu, 3-3.

6.ª série:—Anadia-Oliveirense, 2-4; União Lamas-Marialvas (*); Naval-União Coimbra, 2-0;

7.ª série:—Ferroviários-Oriental, 0-1; Marinhense-Leões Santarém, 3-1; União Operária-Alcoaga, 4-6.

8.ª série:—Nazarenos-Matrena, 5-3; Alhandra-Op. Vilafrancesa, 0-3; Sacavense-Bombarralense, 2-1.

Grupo C—9.ª série:—Rossiense-Peniche, 0-3; União Torriense-Aguia Vilafrancesa (*).

10.ª série:—Operário-Amora, 2-1; Futebol Benfica-Seixal, 2-1.

11.ª série:—Arroios-Ginásio Sul, 1-1; Almada-União Sesimbra, 3-3.

12.ª série:—União Montemor-Aldegalense, 1-1; Palmelense-Barreirense, 0-1; Luso Barreiro-Lusitano Evora, 2-2.

Grupo D—13.ª série:—S. L. Castelo Branco-Covilhãneses, 2-2; Egitanense-Gouvienenses, (*).

14.ª série:—Juventude Evora-Portalegrense, 3-1.

15.ª série:—Moura-União de Beja, 4-0; Ateneu Reguengos-Piense, 7-1; Cuf Barreiro-Luso-Beja, 8-2.

16.ª série:—Desp. Faro-Lusitano V. Real, 1-3.

(*) Não se disputaram devido ao mau tempo.

Antes de mais nada, corrija-se um resultado do último número, ou, melhor dizendo, a notícia de um jogo que não se efectuou:—o Operário-Unidos do Montijo. Como normalmente acontece, quando um jornal diário dá a notícia, todos se confundem. E foi o que aconteceu...

Na jornada de domingo findo, vários resultados surpreendem o público. No sector Norte, o Vianense continua a dar boa conta de si, pois abateu agora o Leça, no seu próprio campo. E o Avintes—isto não será engano?—

derrotou o Salgueiros por 5-1 Natural, a despeito do valor dos vencidos, a vitória do Académico sobre o Sporting de Braga. A vitória do Beira Mar, por expressiva, e logo no campo do seu concorrente, também merece figurar na lista das surpresas. Mas de Viseu um clube fez boa figura:—o Académico, que empatou em Coimbra.

No Sul, os lisboetas não fizeram má figura. O Futebol Benfica, Sacavense e o Operário ganharam por 2-1 a clubes da 1.ª Divisão da A. F. de Setúbal:—Seixal e Amora, e Bombarralense, da A. F. de Leiria. O Arroios empatou com o Ginásio do Sul. Mas de maneira expressiva ganhou a «Cuf» do Barreiro ao Luso de Beja, como o Ateneu de Reguengos ao Piense. Surpreendente o magro resultado do Oriental no campo do Ferroviários.

A jornada não forneceu resultados duros. Os *teams* que melhor traduziram superioridade:—Sport Clube de Vila Real, que continua a coleccionar vitórias sobre vitórias, Beira Mar de Aveiro, dos mais firmes agredimentos do seu distrito, Desportivo das Aves, já vencedor do Salgueiros, Sporting de Fafe, grupo esperançoso da A. F. de Braga, Reguengos e cufistas barreirenses.

Em Faro, não correm as coisas de feição para o Desportivo. No seu próprio terreno foi vencido pelo Lusitano de Vila Real de Santo António.

Neste torneio da 2.ª Divisão acontece como nos da 1.ª, afinal. Vencedores folgados de ontem, cedem 8 dias depois de maneira estrondosa. Alguns, então, denunciam extraordinária irregularidade—caso do Salgueiros, que deve ter na prova uma equipa fraquíssima.

Quando se passar da fase de apuramento dos grupos, já a prova estará mais valorizada. As Associações de Lisboa, com bom número de concorrentes capazes, especialmente a «Cuf» e o Oriental, de Aveiro, onde se distinguem o Beira Mar, Oliveirense e Espinho; de Braga, tendo à frente Braga, Viana e Fafe; de Vila Real, com o seu Sport Clube; do Porto, passivelmente com o Académico, e de Setúbal, se a marcha do Barreirense prosseguir animosa—podem ter aspirações na classificação. Na época finda, o nacional da 2.ª Divisão trouxe-nos à prova máxima as equipas de Sanjoanense e do Famalicão.

Veremos o que acontece este ano...

JOGOS DA BOLA

Andebol

O mau tempo prejudicou a última jornada da primeira volta do campeonato, impedindo a realização de alguns encontros, com os consequentes embaraços na sequência normal da prova.

No entanto, o Belenense pôde completar o ciclo e firmar-se à cabeça da classificação com a apreciável vantagem de 3 pontos sobre o Sporting e, possivelmente também, sobre a «Cuf», se o seu grupo vencer o Benfica no jogo que foi adiado.

A posição do grupo de Belém e o favoritismo que neste momento merece para atribuição do título, são o resultante do inteligente critério de renovação dos efectivos, que algumas outras equipas concorrentes poderiam imitar com vantagem certa.

O acontecimento de maior vulto da semana preférita foi, porém, sem dúvida, o preito de justiça concedido por todos os clubes de Lisboa, reunidos em esmoleira geral da sua Associação, ao seu presidente, Aníbal Marques, conferindo-lhe a categoria de Sócio de Mérito, e par de Acácio Rosa e dr. Selazer Carreira.

A obra de Aníbal Marques no organismo dirigente do andebol lisboeta, desde que há alguns anos ascendeu em boa hora à presidência da sua direcção, é daquelas que não carece de ser enaltecida, tanto se patenteia em evidências. O reconhecimento que os clubes praticantes unanimemente acabam de lhe manifestar e a confiança demonstrada, reelendo-o sem reservas, justificam-se pela sua acção passada, que é a melhor garantia dos seus actos futuros.

O andebol lisboense, que muito tem progredido, necessita ainda de porfido esforço de propaganda e captação de novos elementos; a modelidade está longe ainda do desenvolvimento e popularidade que merece, e que são necessários para enfrentar com segurança a eventualidade de novos e importantes cometimentos projectados no campo internacional. A permanência de Aníbal Marques na chefia regional é boa garantia de apropriada orientação.

Voleibol

Excelente exercício desportivo, senhor de enorme divulgação em Portugal, o voleibol vai adquirindo cada vez maior vulto na actividade desportiva portuguesa e, finalmente servido por um núcleo de dirigentes trabalhadores e criteriosos, conta os êxitos pelo número das organizações.

Em abertura da época, a Associação promoveu um torneio a eliminar que despertou bastante interesse, pois, em virtude da ausência do Técnico, foi a primeira competição disputada em Lisboa cujo vencedor não era antecipadamente conhecido.

Na final, o Sporting venceu o Lisboa Ginásio, tendo antes eliminado Ateneu e Internacional; com

um grupo de elementos novos e sem estrelas, os «leões» conseguiram triunfo meritório que abona o bom critério de sua preparação e mostra, uma vez mais, quanto vale no voleibol o perfeito entendimento entre os jogadores da equipa.

Em outro sector, tem decorrido com o costumado entusiasmo o campeonato universitário, que conheceu na sexta-feira uma noite de verdadeira apoteose com o encontro I. S. Técnico-F. de Direito, considerado erradamente final, visto haver um terceiro concorrente em igualdade de pontuação, mas que despertou enorme expectativa, justificada pelo sensacionalíssimo desfecho: a primeira derrota do Técnico após onze anos de complicações. Foi assim uma espécie de derrota da Espanha pelos futebolistas portugueses.

O encontro teve grande merecimento, não terá sido, talvez, extraordinária a classe de jogo, mas a luta foi sempre emotiva e entusiasmática durante uma hora e quarenta e cinco minutos que durou, sem um momento de treguas.

A vitória dos estudantes de Direito, entre os quais Sá Vilela e, depois, Mário Lemos se destacaram pela sua eficiência e acerto, foi merecida e bem conquistada. No campo oposto, e falta de David Cohen inferiorizou o bloco, sem que a pudessem compensar os esforços e a certeza do remate de João Arruda, de longe o melhor entre os «engenheiros».

Com este resultado, assume particular importância o jogo entre Direito e Económistas, mercado para a noite de hoje, pois ambas as equipas se conservam sem derrotas e os «economistas» são bem capazes de impor a sua lei aos aprendizes de leis, o que criaria para o campeonato uma situação de crescente interesse.

José de Eça

Pedestrianismo

(Continuação da página 3)

De todo o modo, a corrida fez-se e os praticantes das três categorias tiveram uma excelente ocasião de treino.

Em principiantes, o sportinguista Álvaro Conde alcançou uma bela vitória, percorrendo 2.900 metros em 9 m. e 3 s., mas a superioridade colectiva dos belenenses foi manifesta, mantendo-se ainda nos juniores acrescida do êxito individual de Joaquim Branco, com 13 m. e 55 s. para 4.300 metros.

Em seniores, finalmente, na ausência de Silva e Marques, Filipe Luis triunfou nitidamente, abalando desde a largada em passo rápido (parece que alguma coisa aprendeu em Barcelona), seguido apenas pelo veterano Nogueira. Na ausência de terceiro homem para a equipa sportinguista, o Benfica venceu na classificação pela força das circunstâncias.

José de Eça

Para se jogar bem dentro do W. M.

é preciso que todos os componentes do grupo se não afastem do futebol tático e teórico

A perfeição individual é indispensável ao sistema

LONDRES, FEVEREIRO de 1947—Especial para «Stadium»—Por FERNANDO MENDES

Chegou até nós a discussão jornalística sobre o W. M. que os jogadores portugueses praticam. Pelas críticas que lemos, o sistema aplicado contra a Espanha assentou no mais rígido W. M., e a tal ponto deu resultados que os vencidos vacilam entre o seu futebol improdutivo e aquele que os derrotou na frente dos nossos compatriotas. Mas, como 8 dias depois era o W. M. português vencido pelo W. M. argentino, logo se alvorçaram os descrentes do sistema, surgindo opiniões variadas, umas a favor outras contra, e todos por certo trabalhando no sentido de valorizar o futebol português, que já tomou responsabilidades grandes.

Não vimos os jogos, e apenas poderemos fazer fé pelos relatos e opiniões de considerados jornalistas. Se conseguirmos compreender bem, no jogo contra o S. Lorenzo de Almagro, o W. M. português abalou-se profundamente. Ao contrário, se não há dúvidas na apreciação, o W. M. argentino manteve-se forte e unido, logo de princípio, para terminar com a leitura de todos os capítulos do livro onde aprenderam como bons campeões. Isto é:—quando não precisavam do sistema para se impor a um adversário que fugiu de tática para o jogo de acaso, deram-se apenas ao trabalho de «castigar» à custa de sua perfeição individual.

E aqui chegamos ao ponto necessário do assunto.

O W. M., para ser exemplarmente executado, precisa de ter operários que o saibam former de ponta a ponta. Para isso é absolutamente necessário contar com jo-

gadores hábeis, trabalhados individualmente nos laboratórios, ao mesmo tempo que se lhes ministra em grandes doses muito futebol teórico. Em Inglaterra, o W. M. serve a todas as equipas e brilha em todos os centros, porque o jogador está preparado para tanto à custa de muito treino. É do treino individual, persistente e cuidado, que pode sair o conjunto perfeito das equipas. Os treinadores, olhando para a perfeição individual dos seus pupilos, conseguem depois o que à primeira vista parece impossível:—o futebol ligado, difícil de estrangular.

Devem ter sido as armas da vitória argentina. Acreditamos que o W. M. é igual em todo o Mundo onde se joga futebol, mas não é menos verdade que a execução do sistema depende em absoluto do valor das unidades que formem o grupo. Os argentinos, segundo se diz, tratam a bola por lu, e daí a

perfeição do seu W. M., que até pode passar a certa altura para as várias letras do alfabeto. Quando o adversário está K. O. I...

Como poderão opor-se-lhe os vencidos? Jogando com a mesma perfeição individual, alierce da perfeição colectiva. Os portugueses jogam o W. M. imperfeito, ou, melhor dizendo, compreendem o W. M. e executam-no, mas faltando-lhes pés e corpo para o impor quando encontram equipas que tenham atingido o valor individual dos argentinos. O W. M., quando o exibam duas equipas de valor semelhante, obriga indiscutivelmente a muitas jogadas de choque. Quando uma é inferior a outra, como deve ter acontecido no caso do Porto e do Estádio Nacional, não causará surpresa a derrota expressiva de um lado. A luta de corpo a corpo não aparece, por falta de domínio individual, por se não saber «brincar» com a bola,

por se não dar aos movimentos ofensivos a ideia de lance que se não termina, enganando primeira e segunda vez,—e na frente dos sul-americanos puderam com certeza ver-se todos estes pormenores em plano elevado.

Os ingleses, por exemplo, possuem grande categoria individual. O jogador, quando chega aos melhores grupos de Inglaterra, conhece o sistema prático e teórico. O apuro individual, sempre o apuro individual, chega para suplantar os conjuntos menos firmes, embora dentro do W. M. se procurem impor. Depois—nada de tonluras quando o adversário tem mais prática e mexer na bola. Se há desequilíbrio, se há insegurança na aplicação do sistema, desmoro-na-se a tática e tudo fica ao sabor da sorte, entregue ao grupo mais prático.

Os portugueses verão jogar a Inglaterra no Vale do Jamar, e muitos destes exemplos devem ser recordados. O W. M. serve para «dominar» quando uma das equipas o não exhibe. Depois de esgotados os esforços de infiltração, perde a linha e o jogo, fica o W. M. senhor do terreno e poderoso para ensaiar toda a gama de combinações imaginadas pelos componentes de uma equipa inteligente.

O que será preciso, neste caso, é evitar a queda do processo, a transformação do W. M. em tática de momento e que ninguém possa entender. Pode uma equipa jogar menos, porque isso é natural. Mas jogar «muito menos» se esquecer as lições e deixar invadir o seu estilo, desviando-se da posição escolhida para se confundir momento a momento com as jogadas desconhecidas.

Pense-se que o W. M. querêr dizer sempre:—«jogo de polícia à porta». Não é assim. O W. M., tático, obriga o conhecer, especialmente, os segredos da desmarcação. Como da marcação. Se o adversário consente todos estes movimentos—sabe pouco. Se não consente, executa o processo de igual para igual. Quando um consegue eludir o outro, — a melhoria é apenas produto da individualização, a dar-se a existência de processos de jogo idêntico.

Mal do grupo que jogue o W. M. e o abandone em frente de outro que o conheça melhor. Em Inglaterra, como em toda a parte, as inseguranças custam muito caro. O W. M. ou não é W. M. — e talvez os jogadores portugueses que actuaram contra a Espanha e contra os argentinos pensem agora melhor no problema que pretendiam solucionar de maneiras diferentes! Isto se infere dos comentários chegados a Londres...

ATLETISMO

(Continuação da página 16)

aproveitou a ausência do campeão nos Nacionais para averbar em seu nome a vitória, em 4 m. 30,2 s.

No primeiro torneio que o C. S. Nan'Alvares esse ano promoveu no Porto, Albano venceu a prova em 4 m. 30,6 s., sendo esta a sua última aparição em pista, pois ingressou pouco depois no profissionalismo do boxe, arrastado pela miragem embauladora de dourados proventos, que resultou afinal numa ingloria derrocada de ilusões.

A corrida de 1.500 no Concurso do S. L. Benfica foi anulada por engano na modificação do percurso; este torneio sofreu os efeitos do lecciosismo dam jári incompetente, cujos atropellos motivaram a suspensão da entrega dos troféus em disputa, por parte do clube organizador.

Em 1924, os melhores homens foram dois especialistas de fundo, José Maria Marques e António de Almeida, ambos vendedores de jornais; o primeiro ganhou o Nacional em 4 m. 26 s. e o segundo conquistou o Regional em 4 m. 34,4 s. e venceu no concurso do Nan'Alvares em 4 m. 32,4 s.

O Regional do Norte, organizado pela primeira vez, pertenceu a José Eduardo Leite, em 4 m. 39,4 s.

Finalmente, no Concurso do Benfica, o último da série, o ven-

cedor foi Marques Graça em 4 m. 35 s. e numa prova de apuramento realizada no Porto, classificou-se primeiro Mota e Costa, em 4 m. 53 s.

Nestes anos, os corredores do Vendedores de Jornais apresentavam-se na pista descalços, correndo assim; após frequentes reparos da Imprensa, a Federação resolveu pôr cobro a tão irregular processo, tornando obrigatório o uso de sapatos.

Em 1923, depois do Nacional, que José Maria Marques ganhou em 4 m. 38,4 s., o C. O. P. organizou em Lisboa um certame no qual participaram alguns atletas espanhóis e franceses; o vencedor dos 1.500 metros foi o então recordista do Mundo do quilómetro, Baraton, em 4 m. 12 s., seguindo-se o espanhol Palau e J. M. Marques.

A melhor prova nacional do ano foi, porém, o concurso do Nan'Alvares. O torneio suscitara extraordinária rivalidade entre o Sporting e o Internacional, o primeiro habitual participante e o segundo deslocando-se pela primeira vez ao Porto.

O Sporting havia reforçado a sua equipa com a colaboração de António de Almeida, conforme lhe permitia o regulamento, e isso motivara protestos azedos e, no decurso das provas, irregularidades flagrantes que a seu tempo citaremos e manifestações lamentáveis de clabismo.

Um pouco em consequência de toda esta polémica, haviam também sido inscritos alguns elementos do «Vendedores de Jornais», que nas provas de maior distância competiam com os «leões» na disputa dos pontos; era ao que amarechal do «Cis» chamava, com graça, jogar em nulos.

Esta atmosfera de rivalidade excessiva contribuiu muito para o excelente resultado dos 1.500 metros; Almeida guiou toda a prova em bom andamento, levando colado o companheiro de clube João Chaves, que na embalagem o ultrapassou, batendo o recorde nacional com 4 m. 23,2 s., precedendo Almeida, em 4 m. 24,8 s., também melhor do que o mínimo em vigor.

João Chaves foi, para todos, uma surpreendente revelação, pois fora antes figura apagada, que um treino cuidado ascendeu de momento ao primeiro plano. Foi, porém, curta a sua carreira, pois no ano imediato casou e abandonou a prática atlética.

No final da temporada celebrou-se em Madrid o 1.º Espanha-Portugal; na impossibilidade de aproveitar Chaves, os seleccionadores escolheram Marques e Almeida. Como era permitida a participação livre de atletas, Nascimento acompanhou-os na luta contra sete espanhóis.

Triunfou o catalão Miguel, em 4 m. 23,6 s., seguido por Velasco, 4 m. 26,8 s. e Almeida, 4 m. 28,2 s.; Abílio terminou em 6.º e Marques em 7.º. Como os tempos indicam, a prova dos portugueses foi bastante inferior.

S. C.



O SPORTING ganhou no PORTO

Reis está disposto a lançar-se à bola que o portuense Zeca rematará. Barrosa e Cardoso estão atentos



Reis defendeu com segurança. Caiado pretende interrompê-lo, Marques e Barrosa amparam-no



Reis de novo em apuros, rodeado de colegas e adversários. Defendeu com êxito, todavia



O sportingulista Vasques tem a bola ao seu alcance, mas se a perder terá ao pé de si outro companheiro: — Albano. O Boavista, entretanto, tem vários homens na defesa